

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE BALSAS
CURSO DE ENFERMAGEM BACHARELADO

GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO	
Orgão/Entidade	UEMA
Processo nº	72617
Data	23.03.18
Assunto	solicitação
Rubrica	Q
Matricula	

**PROJETO PEDAGÓGICO
DO CURSO
DE ENFERMAGEM BACHARELADO**

Balsas-MA

2018



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE BALSAS
CURSO DE ENFERMAGEM BACHARELADO

**PROJETO PEDAGÓGICO
DO CURSO
DE ENFERMAGEM BACHARELADO**

Balsas-MA
2018



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE BALSAS
CURSO DE ENFERMAGEM BACHARELADO

REITOR

Prof. Dr. Gustavo Pereira da Costa

VICE-REITOR

Prof.Dr. Walter CanalesSant'ana

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO - PROG

Profa. Dra. Andrea Araújo

PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO-PROPLAN

Prof.Dr. Antônio Roberto Coelho Serra

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPG

Prof.Dr. Marcelo ChecheGalves

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS - PROEXAE

Prof.Dr. Paulo Henrique Aragão Catunda

DIRETOR DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE BALSAS CESBA

Prof.Dr. Luciano Façanha Marques

DIRETORA DO CURSO DE ENFERMAGEM

Profa: Me Ana Maria Marques de Carvalho



ELABORAÇÃO

Profa. Me. Ana Maria Marques de Carvalho

Prof. Me. Leonardo Mendes Bezerra

REVISÃO ORTOGRAFICA

COLABORAÇÃO

Secretários, docentes , discentes, diretor de centro



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
2. JUSTIFICATIVA	8
3. CARACTERIZAÇÃO INSTITUCIONAL	9
3.1. Histórico e missão da UEMA	9
4. O CURSO	10
4.1. Histórico do curso	10
4.2. Políticas institucionais de ensino, extensão e pesquisa	11
4.3. Atendimento educacional especializado (Inclusão da pessoa com deficiência nos cursos de graduação)	17
4.4. Filosofia, referenciais epistemológicos e técnicos do curso	18
4.5. Competências e habilidades	20
4.6. Objetivos do curso	23
4.7. Perfil profissional	24
4.8. Caracterização do corpo discente	24
4.9. Mecanismos de avaliação do desempenho acadêmico	25
4.10. Legislações aplicadas ao funcionamento do curso	27
5. CURRÍCULO DO CURSO	31
5.1. Regime escolar	31
5.2. Temas abordados na formação	31
5.3. Matriz curricular	32
5.3.1. Disciplinas de núcleo específico	34
5.3.2. Disciplinas de núcleo comum	36
5.3.3. Disciplinas de núcleo livre	36
5.4. Ementários e referências das disciplinas do curso	37
5.5. Estágio curricular supervisionado	88
5.6. Atividades complementares – AC	90
5.7. Trabalho de conclusão de curso – TCC	91
6. GESTÃO DO CURSO	93
6.1. Gestores do curso	93
6.2. Colegiado de curso	94
6.3. Núcleo docente estruturante	95
6.4. Corpo técnico-administrativo atual disponibilizado para o curso	96
6.4.1. Eventual necessidade de corpo técnico-administrativo	97
7. INFRAESTRUTURA DO CURSO	97
7.1. Infraestrutura física existente para desenvolvimento das atividades pedagógicas	97
7.2. Acervo Bibliográfico	98
7.2.1. Necessidade de aquisição de novos títulos para a biblioteca do curso	99
7.3. Corpo docente atual do quadro da UEMA disponibilizado para o curso	99



REFERÊNCIAS

ANEXOS E APÊNDICES

APRESENTAÇÃO

As Instituições de Ensino Superior têm como um dos principais desafios preparar profissionais aptos para conviver com os avanços das ciências e das tecnologias da atualidade. Nesse contexto, é preciso que o discente tenha, além da formação curricular, uma visão contextualizada das macro-tendências global e nacional e dos cenários futuros para as atividades das diversas áreas, bem como as questões críticas do Ensino Superior da atualidade.

Considerando os novos paradigmas da sociedade, verifica-se que o acelerado processo de mudança, o avanço dos conhecimentos em saúde, o aumento da população urbana, a incidência e prevalência das doenças, a violência e os danos à saúde e ao ambiente ampliam a complexidade dos problemas de saúde da comunidade. Portanto, torna-se cada vez mais necessário uma intervenção diferenciada, competente e efetiva, principalmente em relação aos recursos humanos em saúde.

Neste sentido, o Curso de Enfermagem do Centro de Estudos Superiores de Balsas da Universidade Estadual do Maranhão, visa à formação holístico para atuar no contexto sócio-humanístico e político-cultural, de forma reflexiva, em vários níveis de assistência da saúde prevenção, proteção, promoção, limitação de danos, curativos e reabilitação.

Os profissionais da Enfermagem desenvolverão competências e habilidades na prestação da assistência ao indivíduo sadio ou doente, no decorrer do seu ciclo vital, extensivo à família e comunidade, no desempenho de atividades para promoção, proteção, manutenção e recuperação da saúde e reabilitação física, psicossocial e laborativa do indivíduo como parte de um multiprofissional e multidisciplinar.

O Sistema de funcionamento do Curso será de regime regular, com funcionamento diurno, nos turnos matutino e vespertino, com uma entrada anual e seu desenvolvimento se dará através do sistema seriado semestral.

Para tanto, disponibilizam-se neste documento as bases que constituem o projeto de Enfermagem, proposto pelo Centro de Estudos Superiores de Balsas, atende aos preceitos da Lei n. 9394/96, que determina as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao Plano Nacional de Graduação, às instruções normativas que regulamentam a elaboração dos Projetos Pedagógicos dos Cursos da UEMA e Diretrizes Nacionais para o Ensino de Graduação em Enfermagem.

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Enfermagem Bacharelado visa formalizar as ações norteadoras, integradas pelo corpo docente, discente, diretor de curso e de centro, bem como os demais funcionários do CESBA, com o objetivo de planejar, executar, acompanhar e avaliar. Este projeto centra-se nas diretrizes educacionais e orienta-se no sentido de preparar o acadêmico às questões sociais; interpreta a tarefa educativo-assistencial do momento com intervenções na realidade encontrada; redimensiona o currículo e desenvolve a prática nos módulos estruturais nas áreas temáticas formais do conhecimento de valores éticos, sociais, políticos e profissionais.

2 JUSTIFICATIVA

O Maranhão, com sua vasta extensão de terras, está dividido em mesorregiões, como o Sul Maranhense, que compreende vários municípios. Dentre estes municípios destaca-se Balsas, centro polarizado da região. Isto porque nas últimas décadas houve em acentuado desenvolvimento sócio-político e econômico, em consequência de migrantes da região sul do país, que aceleram o crescimento econômico, sobretudo o da agricultura. Atualmente o município de Balsas destaca-se no contexto nacional de produção de grãos, logo empresas de grande porte instalam-se com suas representações, atuando no comércio das exportações para países europeus e Japão.

Com o acentuado desenvolvimento econômico da região de Balsas, despertou na comunidade uma ampla discussão, com envolvendo de políticos, religiosos e a comunidade, chegando-se à conclusão de que a Universidade Estadual do Maranhão, por meio do Centro de Estudos Superiores de Balsas, deveria oferecer cursos não só na área de educação, como também de saúde.

Nesse contexto foi criado o curso de Enfermagem Bacharelado, tendo em vista que a região carecia de profissionais nesta área, já que o número de enfermeiros disponíveis para as Unidades de Saúde existentes era insuficiente, justificando então, a necessidade de uma mão de obra qualificada na área.

A manutenção do referido curso de graduação, faz-se necessária a fim de continuar proporcionando formação e qualificação profissional para atender as necessidades sociais de saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde e assegurar a integralidade da pessoa e a qualidade e humanização do atendimento em saúde à população. Diante do exposto,

solicita-se a renovação do referido curso para atender aos anseios da sociedade maranhense, em especial da região sul do estado, centrado no modelo educacional expresso na proposta aqui apresenta.

3 CARACTERIZAÇÃO INSTITUCIONAL

3.1 Histórico e missão da UEMA

A Universidade Estadual do Maranhão teve sua origem na Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, criada pela Lei nº 3.260, de 22 de agosto de 1972 para coordenar e integrar os estabelecimentos isolados do sistema educacional superior do Maranhão.

Posteriormente, em 1981 a FESM foi transformada na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, através da Lei nº 4.400, de 30 de dezembro de 1981. Nessa época a instituição contava com apenas três campi e sete unidades de ensino. Porém, somente em 1987 a UEMA teve seu funcionamento autorizado pelo Decreto Federal nº 94.143, de 25 de março de 1987, como uma Autarquia de regime especial, pessoa jurídica de direito público, na modalidade multicampi.

A princípio, a UEMA foi vinculada à Secretaria Estadual de Educação. Após a reforma administrativa implantada pelo Governo do Estado, em 1999, a SEDUC foi transformada em Gerência de Estado de Desenvolvimento Humano – GDH.

Em 2002 a UEMA foi desvinculada da GDH pela Lei Estadual nº 7.734, de 19 de abril de 2002, que dispôs novas alterações na estrutura administrativa do Governo, e passou a integrar a Gerência de Estado de Planejamento e Gestão.

Em 2003 com a reorganização estrutural do Estado e com a criação do Sistema Estadual de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a UEMA vinculou-se à Gerência de Estado da Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Desenvolvimento Tecnológico – GECTEC, hoje, Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação – SECTI.

Conforme seu Estatuto, aprovado pelo Decreto 15.581, de 30 de Maio de 1.997 os objetivos da UEMA são: promover o ensino de graduação e pós-graduação, a extensão universitária e a pesquisa, a difusão do conhecimento, a produção de saber e de novas tecnologias interagindo com a comunidade, com vistas ao desenvolvimento social, econômico e político do Maranhão.

Destaca o direcionamento da Universidade para a atuação no âmbito da sociedade e no desenvolvimento do Maranhão. Fundamenta-se nos pilares: ensino, pesquisa e extensão, como meios para a produção e difusão do conhecimento. Sob esses fundamentos está

assentada sua missão: “Produzir e difundir conhecimento orientado para a cidadania e formação

profissional, por meio do ensino, pesquisa e extensão, priorizando o desenvolvimento do Maranhão” (UEMA, 2017).

4 O CURSO

4.1 Histórico do curso

O curso de Enfermagem e obstetricia do Centro de Estudos Superiores de Balsas-CESBA foi instalado no ano de 2003, no Município do mesmo nome. A autorização de funcionamento de graduação em apreço aconteceu em 03/10/2003, pela Resolução nº 299/2003 do CEE- Conselho Estadual de Educação, em caráter emergencial e temporário, como extensão do Centro de Estudos Superiores de Bacabal, iniciou suas atividades com a primeira turma composta por 25 (vinte e cinco) alunos; o quadro de professores foram formados, através de um processo seletivo, composta por uma banca de avaliação de professores dos demais campi.

Através da Resolução nº 807/2008- CEPE/UEMA, fica aprovado o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem. O Sistema de funcionamento do curso, ocorrerá em regime regular, com funcionamento nos turnos matutino e vespertino, com uma entrada anual e seu desenvolvimento se dará através do sistema seriado semestral, tendo em sua organização curricular as matérias desdobradas em disciplinas, estando o requisitos estabelecidos na organização dos períodos, de modo a assegurar a ordenação lógica do conhecimento. O ingresso ao curso será mediante “Processo seletivo 4o”, para um total de 30 (trinta) vagas anualmente. Os 30 candidatos classificados e aprovados ingressarão no curso anualmente, tendo uma duração mínima de 4 anos e máximo de 8 anos, distribuído em 8 semestres e carga horária total de 4.230 horas.

O Conselho Estadual de Educação do Maranhão, no uso de suas atribuições legais, através da Resolução nº 205/2012-CEE, Reconhece o Curso de Enfermagem Bacharelado do Centro de Estudos Superiores de Balsas da Universidade Estadual do Maranhão pelo prazo de 5 (cinco) anos. As Normas Gerais do Ensino de Graduação, estão aprovada pela Resolução nº 1045/2012- CEPE/UEMA, que correspondem a orientações acadêmicas para a organização e funcionamento dos cursos de graduação.

A Resolução 996/2012- CEPE/UEMA,, Aprova o Currículo e a ementa do curso de Enfermagem Bacharelado unificado no âmbito da Universidade Estadual do Maranhão,Estabelece equivalência curricular para fins de adaptação do currículo do ano 2008, para o currículo unificado 2013.1 do Curso de ENFERMAGEM.O currículo do Curso está estruturado em conteúdos do Núcleo Comum (NC), do Núcleo Específico (NE), com disciplinas específicas, e do Núcleo Livre (NL), das Práticas, Estágios e Atividades Acadêmicas Complementares, o estudante deverá cumprir 4290 horas

Atualmente o Curso de Enfermagem Bacharelado do CESBA/ UEMA, conta com docentes concursado e seletivados., o quantitativo de turmas são 4 (quatro) e 102 (cento e dois discentes). Com Núcleo Docente Estruturante (NDE), Núcleo de acessibilidade (NAU), Colegiado de curso, já estruturado, contamos com um espaço físico mais organizado , com salas climatizadas, acesso a internet, laboratórios para desenvolvimento das práticas das disciplinas, biblioteca mais estruturada porém necessitando de melhoria no acervo bibliográfico.

A formação do profissional enfermeiro deve atender, as necessidades sociais, de saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde e assegurar a integralidade de pessoa e a qualidade e atendimento à população. Mediante o perfil do egresso dos discentes, a Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, focado no Ensino, Pesquisa e Extensão, evidencia cada vez mais o compromisso de um ensino de qualidade.

4.2 Políticas institucionais de ensino, extensão e pesquisafuonamento do curso

As políticas institucionais orientam o desenvolvimento da instituição, proporcionando uniformidade e prioridades na tomada de decisões. Conforme descrito no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), a UEMA apresenta dentre suas políticas de ensino, pesquisa, e extensão:

- A inserção nos currículos de novas disciplinas alinhadas com o contexto contemporâneo, consideradas as especificidades regionais.
- Possibilidade dos estudantes escolherem disciplinas de outros cursos de seu interesse.
- Realização de convênios de cooperação técnica com órgãos públicos com o objetivo de promover, dentre outros, estágios curriculares.
- Implantação de um novo programa de formação de professores com início em 2017, para suprir a necessidade de docentes qualificados no Estado do Maranhão. E como forma de ampliar o atendimento alcançando diferentes grupos, se propõe desenvolver

na modalidade presencial, semipresencial e também voltado para as pessoas com necessidades especiais.

- Desenvolvimento de processos de ensinar e aprender que promovam a integração com a pesquisa e a extensão
- Fomentar a abertura do espaço físico nos campi, para sediar projetos que vinculem ensino, pesquisa e atividades de extensão;
- Ações para a consolidação e ampliação de apoio ao desempenho da produção científica.
- Elevação da oferta de cursos de mestrado de 10 para 16 até 2018, e para 19 até 2020. Para tanto, serão estruturados laboratórios de ensino e pesquisa, além de estimulada a fixação de pesquisadores em nível de doutorado e pós-doutorado, como forma de fortalecer os cursos *stricto sensu*.
- Intensificar os debates entre entes públicos, privados e universitários sobre as demandas sociais prioritárias;
- Institucionalizar um fórum anual para análise e realimentação da estrutura curricular dos cursos de graduação e pós-graduação de acordo com a demanda do mercado, aumentando a empregabilidade dos alunos.

Em conformidade com o Plano de Desenvolvimento Institucional, com base em Morin (2000), a política de graduação deve ser capaz de encorajar, instigar, estimular, mesmo despertar, quando estiver adormecida, a curiosidade, a aptidão interrogativa e orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nossa época. Por compreender que somente a postura crítica e criativa de alunos e professores pode assegurar o cumprimento da função social da Universidade, destinada a buscar soluções para as questões de nosso tempo e nossa sociedade e ressaltando-se a importância de assegurar por um lado, o conhecimento das questões clássicas e universais, e por outro lado, o conhecimento das especificidades regionais, desenham-se como projetos:

I. Constituir no âmbito da Pró-Reitoria de Graduação, grupo de trabalho com o objetivo de criar as possibilidades de promover:

a) o debate acerca de processos de ensinar e aprender capazes de despertar, estimular, encorajar a curiosidade e a aptidão investigativa;

b) a inserção nos currículos de novas disciplinas exigidas por mudanças no contexto contemporâneo, bem como daquelas que se organizam em torno das especificidades regionais, tomando-se como base as pesquisas realizadas pelos professores pesquisadores da UEMA.

II. Possibilitar aos estudantes a ampla e livre escolha de disciplinas de outros cursos, que se articulem às disciplinas obrigatórias da área central de seus estudos, como disciplinas optativas.

III. Criar, em regime regular, cursos de férias, especialmente voltados para a formação geral do estudante, como cidadão, privilegiando programas construídos de forma interdisciplinar e transdisciplinar.

IV. Instituir intercâmbio científico e acadêmico entre docentes e discentes, de outras instituições públicas de graduação e pós-graduação em nível nacional e internacional.

V. Criar espaços para estágios de formação profissional no âmbito dos diferentes cursos da UEMA, tais como escritórios-escola, empresas juniores, e ao mesmo tempo, fortalecer os espaços já existentes.

VI. Realizar convênios de cooperação técnica com órgãos públicos com o objetivo de promover:

a) estágios curriculares, respeitadas as especificidades de cada curso, incluindo-se estágios junto a prefeituras do interior do Estado do Maranhão, que poderiam ocorrer no período de férias.

b) Criação de Programas de Residência profissionais, caracterizados como extensão e especialização sob a orientação de professores dos cursos de graduação ou pós-graduação da UEMA.

VII. Garantir que as bibliotecas estejam atualizadas, incluindo-se assinaturas dos principais periódicos das diferentes áreas, e que os laboratórios sejam adequadamente equipados e informatizados.

VIII. Promover a valorização do corpo docente mediante as seguintes iniciativas:

a) cursos de formação continuada;

b) desenvolvimento de processos de ensinar e aprender que promovam a integração com a pesquisa e a extensão;

IX. Distribuir os cursos nos turnos matutino, vespertino ou noturno considerando o perfil do estudante e o tempo de dedicação necessários aos estudos diariamente. Em geral, os cursos da área técnica concentram-se no turno vespertino ou noturno e os das demais áreas, no regime integral ou diurno.

Dentre as demandas planejadas pela PROG, a implantação do novo programa de formação de professores, Programa Ensinar de Formação de Professores, já se constitui uma realidade e encontra-se na primeira fase, atendendo aos critérios estabelecidos para a escolha dos municípios em que tem sido implementado, tais como:

a) 30 municípios com baixo IDH no Estado do Maranhão, os quais apresentam dificuldades estruturais relativas à inserção tecnológica e fragilidades do ensino na Educação Básica.

b) atendimento de pessoas com necessidades especiais e critérios avaliativos dos exames realizados pelo INEP, ENEM e ENADE com o objetivo de alavancar os indicadores da educação no Estado do Maranhão.

Dentre as ações da PROG para apoiar os discentes, podemos citar a criação do Programa Reforço e Oportunidade de Aprender (PROAprender), Resolução nº 1279/2017 – CEPE/UEMA, cujo objetivo implementar ações pedagógicas para elevar o rendimento e desempenho acadêmico dos estudantes; aprimorar e desenvolver habilidades e competências dos discentes e diminuir a evasão e a permanência dos egressos dos cursos com índice elevado de reprovação e retenção.

Quanto à política de pesquisa e pós-graduação, a Universidade Estadual do Maranhão aprovou em julho de 2015, a Resolução 1158/2015 – CEPE que implementou o Programa de Qualidade Total dos Programas de Pós-Graduação (PROQUALIT), com o propósito de integrar programas de incentivo à produção acadêmica docente, já existentes na Universidade, a um Plano de Ação para os Programas de Pós-Graduação.

O PROQUALIT vem possibilitando o acompanhamento e a avaliação do desempenho dos cursos de mestrado e doutorado, o que viabiliza um conjunto de ações com vistas à consolidação desses cursos, de forma que sejam reconhecidos em nível nacional e internacional por boas avaliações e formação de recursos humanos de qualidade. As ações do Programa abrangem dimensões variadas da vida acadêmica, que convergem para um quadro de professores doutores, com indicadores de produção adequados para atuação em cursos de mestrado e doutorado, a saber:

a) Participação nas discussões sobre concursos públicos para contratação de docentes. Os Centros que tiverem Programa de Pós-Graduação na área objeto da contratação deverão ter o perfil do candidato traçado, de comum acordo, com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-

Graduação (PPG), de modo que ao ingressar na carreira do Magistério Superior o candidato atenda aos requisitos dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação;

b) Atendimento, por parte da PPG, das demandas por melhoria ou ampliação dos espaços para a Pós-Graduação, com incentivo e organização de projetos para captação de recursos junto às agências de fomento; tarefa que também caberá à administração superior, no que respeita a alocação de recursos próprios ou conveniados para o desenvolvimento da Pós-Graduação;

c) Instituição do Comitê de Avaliação do Desempenho da Pós-Graduação, para avaliação de cada curso. Para as visitas, convidamos dois consultores *ad hoc* externos e um representante interno, preferencialmente um coordenador de pós-graduação;

d) Acompanhamento periódico dos dados relativos às atividades desenvolvidas pelos docentes e discentes dos cursos de mestrado e doutorado, a ser realizado pelas Coordenações de Pós-Graduação/PPG, para posterior compilação e alimentação da Base de Dados da CAPES;

e) Regulamentação dos critérios de credenciamento e descredenciamento do corpo docente do quadro permanente dos cursos de mestrado e doutorado;

f) Consolidação e ampliação de ações de apoio ao desempenho da produção científica: apresentação de trabalhos em eventos nacionais e internacionais, conforme Resolução nº 178/2015 CAD/UEMA; incentivo a publicação científica qualificada, conforme Resolução nº 1123/2015 CEPE/UEMA; apoio a tradução de artigos científicos, conforme Resolução nº 1123/2015 CEPE/UEMA; pagamento de Bolsa Produtividade em Pesquisa da Universidade Estadual do Maranhão, conforme Resolução nº 1136/2015 CEPE/UEMA; internacionalização dos cursos de mestrado e doutorado, a partir de missões de trabalho e estudo no Brasil e no exterior; apoio da Editora UEMA para projetos de publicação apresentados pelos cursos; realização do prêmio Dissertação e Tese; realização de prêmio Produção Técnica (produtos e patentes); oferta de cursos de redação de artigos e/ou patentes para docentes e discentes; incentivo aos docentes recém-contratados e recém-doutores; pagamento de Taxas de Bancada para docentes Bolsista Produtividade; criação e manutenção de periódicos; e ciclos de Conferências;

g) Estabelecimento de normas e prazos internos para a apresentação de novas propostas de Programa de Pós-Graduação no Aplicativo para Propostas de Cursos Novos - APCN da CAPES.

A Extensão universitária foi conceituada a partir de um debate democrático desenvolvido nos Fóruns de Pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras (FORPROEX), do qual a UEMA participou ativamente, realizados em 2009 e 2010. Na ocasião,

as universidades e a sociedade em geral foram apresentadas ao conceito de extensão que segue: “A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”.

Em 2014, a UEMA publicou a resolução CAD 882/2014, na qual atualizou, segundo este conceito e as mudanças no cenário mundial e nacional, o papel da extensão na instituição:

Art. 4º São consideradas atividades de extensão aquelas que: compoem o processo educativo, cultural e científico, articulem de forma indissociável as atividades de ensino e os resultados da pesquisa na forma de programas, projetos, cursos, eventos, prestação de serviço, produções e publicações e outras ações desenvolvidas com e para sociedade, aí se incluindo a orientação de discentes em projetos de extensão, bem como a captação de recursos para o desenvolvimento desses projetos.

Mais recentemente, em 2015, a UEMA toma frente no debate do Estado sobre auxílio aos municípios de menor IDH e lança o Programa Mais Extensão, com projetos previstos para 2016 que descentralizarão as ações para seus 21 campi e promoverão cursos de extensão e intervenções nos 30 municípios de menor IDH.

Outras ações da Pró-Reitoria de Extensão foram: a criação do Programa Bolsa de Trabalho (Resolução nº 179/2015 - CAD/UEMA); a instituição do Programa Auxílio Alimentação, como incentivado pecuniário mensal de caráter provisório em campi em que não existem restaurantes universitários (Resolução nº 228/2017 - CAD/UEMA); o Programa Auxílio Moradia, viabilizando a permanência dos estudantes na universidade cujas famílias residam em outro país, estado ou município diferente dos campi de vínculo (Resolução nº 230/2017 - CAD/UEMA); o Programa Auxílio Creche que disponibiliza ajuda financeira aos discentes (Resolução nº 229/20157 - CAD/UEMA); criação do Programa de Mobilidade

Acadêmica Internacional e Nacional para discentes dos cursos de graduação e pós-graduação (PROMAD).

Para estruturar e institucionalizar a atividade de extensão com vistas à Inovação tecnológica, tendo por referencial a emenda constitucional 85 e baseando-se nos programas e projetos passados ou em andamento, foram instituídas as diretrizes norteadoras sobre a política de extensão universitária até 2020. A referida política busca privilegiar ações em contribuição às demandas sociais prioritárias do Estado, aos Arranjos Produtivos Locais (APL) e ao desenvolvimento econômico sustentável para o acesso e preservação do patrimônio genético e

biodiversidade presente no Maranhão. Referências confirmadas com a promulgação do Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação que foi publicado em 11 de janeiro de 2016.

4.3 Atendimento Educacional Especializado (Inclusão da Pessoa com Deficiência nos Cursos de Graduação)

Coerente com os direitos humanos, o conceito de cidadania que reconhece às diferenças e o direito a educação garantido pela constituição, a Universidade segue firme no propósito de assegurar a participação de todos os sujeitos nas suas atividades educativas.

As diretrizes educacionais atuais respaldam o caráter da educação especial inclusiva e expressa à necessidade de atendimento às especificidades apresentadas pelo estudante público-alvo da educação especial. Reafirmando essa política a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146, de 6 de julho de 2015, considera,

Art. 2. A pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Garantir um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidade é um desafio ao sistema educacional que urge por mudanças e adequações políticas e pedagógicas coesas com o propósito de tornar efetivo o direito de todos à educação.

Neste sentido, a Universidade Estadual do Maranhão conta com o Núcleo de Acessibilidade – NAU, responsável pela mediação e acompanhamento educacional do estudante com deficiência visando atender à diversidade e manutenção da ação pedagógica “comum” promovendo a inclusão desses alunos.

O PDI da UEMA define o compromisso como Programa de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais, pois desde fevereiro de 2000 foi aprovada a Resolução nº 231/00,

que instituiu o Núcleo Interdisciplinar de Educação Especial, esta tem sido uma das premissas do desenvolvimento dessa IES. Dentre outras ações afirmativas, a resolução assegura condições de atendimento diferenciado nos campi da Instituição para estudantes com necessidades especiais.

A existência de condições de acesso fortalece o compromisso institucional com a garantia de acessibilidade. Este Núcleo foi redimensionado com a finalidade de proporcionar condições de acessibilidade e garantir a permanência às pessoas com necessidades educacionais especiais no espaço acadêmico, incluindo todos os integrantes da comunidade acadêmica. O Núcleo operacionaliza suas ações baseado em diretrizes para uma política inclusiva a qual

representa uma importante conquista para a educação, contribuindo para reduzir a evasão das pessoas com deficiência nos cursos ofertados por esta IES.

4.4 Filosofia, referenciais epistemológicos e técnicos do curso

A filosofia educativa do curso de enfermagem bacharelado, tem caráter transformador, envolvendo não só a competência profissional, mas um perfil do homem cidadão intelectual, capaz de criar condições de compreender, equacionar e solucionar problemas no contexto pessoal e social.

A Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), tem como missão, além de preparar indivíduos para o mercado, desenvolver o senso reflexivo, tendo como proposta explícita a liberdade, a igualdade, a autonomia de direitos, a democracia, a cidadania, a humanização.

A identidade da UEMA é construída continuamente, a partir de princípios ético-políticos, epistemológicos e educacionais. Os princípios ético-políticos que embasam o planejamento e as ações institucionais refletem-se nos valores e atitudes da comunidade acadêmica, nas atividades de ensino, nas relações entre as pessoas e destas com o conhecimento.

A educação é o processo que visa levar o indivíduo a explicitar e a desenvolver suas virtualidades em contato com a realidade, tendo em vista, promover o desenvolvimento do aluno-cidadão integral, a fim de levá-lo a atuar na realidade com conhecimento, eficiência e responsabilidade para serem atendidas as necessidades pessoais, sociais e transcendentais da

criatura humana, a fim de que se possa sobreviver, aprimorando-se e estruturando-se para reagir e interagir com a comunidade, comprometendo-se com as transformações da sociedade.

Geralmente ocorre um surto de ousadia, iniciativa, invenção, atividade construtiva não só em um campo, mas em muitos, simultaneamente. Talvez ninguém seja capaz de dizer qual ação surgiu primeiro, mas pode-se ver como conservar e até fortalecer tais ações.

Piaget considera a inteligência como uma forma particular da adaptação biológica. O organismo interage com o meio ambiente de modo que seja favorável a conservação da vida. A função da inteligência é a construção de estruturas cognitivas que correspondam com a realidade e permitam ao homem produzir conhecimento.

A inteligência constitui-se, portanto, numa adaptação biológica cuja adaptação ocorre de forma equilibrada. A relação do equilíbrio com organismo-meio permite ao primeiro

sobreviver. A relação de equilíbrio entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento significa que o sujeito chega às estruturas intelectuais que o permitem conhecer o objeto. Esta relação de equilíbrio é dinâmica no desenvolvimento de seu intelecto, pois o sujeito constrói estruturas intelectuais cada vez mais complexas que implicam formas de equilíbrio cada vez mais elevadas.

Ainda, conforme Piaget (1997), o sujeito chega à relação de equilíbrio com o objeto, ou seja, a adaptação inteligente; estes mecanismos são acomodação e a assimilação e os consideram como invariantes funcionais da inteligência porque atuam sempre no desenvolvimento das estruturas do conhecimento.

Acomodação e assimilação são mecanismo constantemente presentes na adaptação inteligente, se complementam, estabelecendo entre elas relações de equilíbrio que se consolidam em diferentes níveis.

Esses princípios gerais são:

- A solidariedade humana como base no próprio crescimento individual da pessoa e para construção do bem estar comum;
- A formação integral da personalidade face aos princípios estratégicos específicos;
- Educação para todos com a possibilidade da participação de todos;
- Caráter permanente e científico da educação, que dê resposta às exigências do processo científico e técnico;

- A relação escola/família/comunidade, parte de referência imprescindível de qualquer estratégia educativa;
- Flexibilidade do currículo como exigência e necessidade da sociedade contemporânea;
- O graduando como sujeito ativo do trabalho educativo;
- O docente como orientador e condutor das situações de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

Na educação tratamos de consolidar a participação popular, quando da definição de políticas públicas com a finalidade de contribuir para a auto-organização da sociedade, com base na humanização e solidariedade que com a democratização do conhecimento pedagógico, cria espaço para formação

4.5 Competências e habilidades

O Art. 4º da Resolução CNE/CES 3/2001 recomenda que a formação do enfermeiro tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais:

I - Atenção à saúde: os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito profissional, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto em nível individual como coletivo;

II - Tomada de decisões: o trabalho dos profissionais de saúde deve estar fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo-efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas. Para este fim, os mesmos devem possuir competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas;

III - Comunicação: os profissionais de saúde devem ser acessíveis e devem manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral. A comunicação envolve comunicação verbal, não-verbal e habilidades de escrita e leitura; o domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira e de tecnologias de comunicação e informação;

IV - Liderança: no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais de saúde deverão estar aptos a assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz;

V - Administração e gerenciamento: os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho quanto dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde;

VI - Educação permanente: os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, os profissionais de saúde devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento/estágios das futuras gerações de profissionais, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços, inclusive, estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico/profissional, a formação e a cooperação por meio de redes nacionais e internacionais.

Seguindo as recomendações da Resolução Nº 3/2001 CNE-CES, a formação do enfermeiro tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades específicas:

- I – atuar profissionalmente, compreendendo a natureza humana em suas dimensões, em suas expressões e fases evolutivas;
- II – incorporar a ciência/arte do cuidar como instrumento de interpretação profissional;
- III – estabelecer novas relações com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões;
- IV – desenvolver formação técnico-científica que confira qualidade ao exercício profissional;
- V – compreender a política de saúde no contexto das políticas sociais, reconhecendo os perfis epidemiológicos das populações;
- VI – reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida e atuar de forma a garantir a

integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;

VII – atuar nos programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso;

VIII – ser capaz de diagnosticar e solucionar problemas de saúde, de comunicar-se, de tomar decisões, de intervir no processo de trabalho, de trabalhar em equipe e de enfrentar situações em constante mudança;

IX – reconhecer as relações de trabalho e sua influência na saúde;

X – atuar como sujeito no processo de formação de recursos humanos;

XI – responder às especificidades regionais de saúde através de intervenções planejadas estrategicamente, em níveis de promoção, prevenção e reabilitação à saúde, dando atenção integral à saúde dos indivíduos, das famílias e das comunidades;

XII – reconhecer-se como coordenador do trabalho da equipe de enfermagem;

XIII – assumir o compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multiprofissional em saúde.

XIV – promover estilos de vida saudáveis, conciliando as necessidades tanto dos seus clientes/pacientes quanto às de sua comunidade, atuando como agente de transformação social;

XV – usar adequadamente novas tecnologias, tanto de informação e comunicação, quanto de ponta para o cuidar de enfermagem;

XVI – atuar nos diferentes cenários da prática profissional, considerando os pressupostos dos modelos clínico e epidemiológico;

XVII – identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes;

XVIII – intervir no processo de saúde-doença, responsabilizando-se pela qualidade da assistência/cuidado de enfermagem em seus diferentes níveis de atenção à saúde, com ações de promoção, prevenção, proteção e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência;

XIX – coordenar o processo de cuidar em enfermagem, considerando contextos e demandas de saúde;

- XX – prestar cuidados de enfermagem compatíveis com as diferentes necessidades apresentadas pelo indivíduo, pela família e pelos diferentes grupos da comunidade;
- XXI – compatibilizar as características profissionais dos agentes da equipe de enfermagem às diferentes demandas dos usuários;
- XXII – integrar as ações de enfermagem às ações multiprofissionais;
- XXIII – gerenciar o processo de trabalho em enfermagem com princípios de Ética e de Bioética, com resolutividade tanto em nível individual como coletivo em todos os âmbitos de atuação profissional;
- XXIV – planejar, implementar e participar dos programas de formação e qualificação contínua dos trabalhadores de enfermagem e de saúde;
- XXV – planejar e implementar programas de educação e promoção à saúde, considerando a especificidade dos diferentes grupos sociais e dos distintos processos de vida, saúde, trabalho e adoecimento;
- XXVI – desenvolver, participar e aplicar pesquisas e/ou outras formas de produção de conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional;

- XXVII – respeitar os princípios éticos, legais e humanísticos da profissão;
- XXVIII – interferir na dinâmica de trabalho institucional, reconhecendo-se como agente desse processo;
- XXIX – utilizar os instrumentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde;
- XXX – participar da composição das estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde;
- XXXI – assessorar órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde;
- XXXII - cuidar da própria saúde física e mental e buscar seu bem-estar como cidadão e como enfermeiro;
- XXXIII - reconhecer o papel social do enfermeiro para atuar em atividades de política e planejamento em saúde.

Além disso, segundo os critérios das Diretrizes Curriculares Nacionais (Parecer CNE/CES 1133/2001), o profissional enfermeiro, no contexto das competências gerais deve está apto a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação, capacidade de tomar decisões, manter a confidencialidade das informações a eles confiado, deverão estarem aptos a assumirem posições de liderança e gerenciamento. A formação do Enfermeiro deve

atender as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS), e assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento.

4.6 Objetivos do curso

O curso de Enfermagem do CESBA/UEMA tem como objetivo formar o graduado em enfermagem, habilitado para desenvolver atividades inerentes ao cuidar como objeto específico do trabalho técnico, científico e ético a ser realizado no contexto dos serviços e instituições de saúde, que incluem:

- Formar enfermeiros capazes de exercer com humanismo e responsabilidade suas funções enquanto profissional e na administração dos serviços de saúde.
- Atuar nas ações de Enfermagem junto ao indivíduo, à família e à comunidade, como agente de transformação;
- Desenvolver o processo de ensino-aprendizagem nas situações de educação para a saúde e no treinamento em serviços;
- Desempenhar funções administrativas nos serviços de Enfermagem e em instituições de saúde pública e privada;
- Demonstrar em ação profissional, espírito crítico, reflexivo e atitude de investigação científica, capazes de promover estudos e pesquisas que visem à melhoria da qualidade de vida das comunidades assistidas;
- Valorar a importância do trabalho em grupo e integrar-se em equipes interdisciplinares e multiprofissional em prol da saúde da população;

Atuar com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano

4.7 Perfil profissional

O Bacharel em Enfermagem ou Enfermeiro atua no planejamento, organização, supervisão e execução da assistência de enfermagem ao doente, à família e à comunidade. Presta cuidados de enfermagem aos casos de grande complexidade técnica e aos pacientes graves com risco de vida. Desenvolve atividades de pesquisa e extensão na área de saúde. Realiza a consulta de enfermagem e presta serviços de consultoria e auditoria de Enfermagem. Em sua atividade gerencia o trabalho e os recursos materiais, de modo compatível com as políticas públicas de saúde. Atua na promoção, prevenção, recuperação e

reabilitação da saúde do indivíduo e da comunidade, primando pelos princípios éticos e de segurança.

4.8 Caracterização do corpo discente

É constituído por alunos regulares e alunos especiais que estejam devidamente matriculados nos cursos.

Consideram-se alunos regulares aqueles matriculados nos cursos de graduação e, especiais, os alunos matriculados em disciplinas isoladas em qualquer dos anos oferecidos regularmente.

Nas Normas Gerais do Ensino de Graduação estão fixados todos os direitos e deveres do corpo discente.

O Curso de Enfermagem tem como propósito formar profissionais:

- Críticos e reflexivos;
- Competentes com base científica;
- Com capacidade de inovação e criatividade;
- Poder de ação e decisão;
- E homens plenos de cidadania.

O ingresso ao curso será mediante Processo Seletivo, para um total de 30(trinta)vagas anualmente. Os 30 candidatos melhores classificados ingressarão no curso anualmente. O curso a ser oferecido visa uma formação generalista com duração mínima de 5 anos e máxima de 10 anos, distribuído em 10 semestres e carga horária total de 4.290 horas.

CORPO DISCENTE			
ANO	DEMANDA	OFERTA	PROCESSO SELETIVO
2014.1	195	30	PAES 2014
2015.1	225	30	PAES 2015
2016.1	271	30	PAES 2016
2017.1	280	30	PAES 2017

4.9 Mecanismos de avaliação do desempenho acadêmico

O sistema de acompanhamento e avaliação do Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem, a cargo do Colegiado de Curso e do Núcleo Docente Estruturante, está direcionado ao desenvolvimento institucionalizado de processo contínuo, sistemático, flexível

e de caráter formativo. O processo avaliativo do curso integra o contexto da avaliação institucional da Universidade Estadual do Maranhão, promovido pela Comissão Própria de Avaliação – CPA da UEMA.

O projeto de curso, no processo avaliativo, está pautado na dimensão da globalidade, com uma visão abrangente da interação entre as propostas pedagógicas do curso, bem como a multidisciplinaridade, o desenvolvimento de atividades acadêmicas integradas. Este processo avaliativo, juntamente com às avaliações externas, envolve docentes, servidores, discentes, gestores., tendo como núcleo gerador, a identificação de oportunidade no sentido da melhoria da qualidade e da relevância dos serviços prestados a sociedade pela instituição; constituindo-se em parte integrante do conjunto de procedimentos avaliativos que compõem o Sistema Nacional de Educação Superior- SINAES - criado pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, que institui a avaliação das instituições de educação superior, de curso e do desempenho dos estudantes

A autoavaliação ou avaliação interna, coordenada pela Comissão Própria de Avaliação, é um processo constante , com propósito de identificar as fragilidades e potencialidades da UEMA, dentro dos fatores evidenciados , desenvolver a tomada de decisão, identificar os meios e recursos necessários para tornar mais efetiva a vinculação da instituição com a comunidade, a geração de relatórios com propósito de planejar e executar as ações, tendo como produto final uma melhor qualidade aos serviços prestados

No contexto do Regimento da Comissão Própria de Avaliação-CPA, da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, observando o estabelecido no artigo 11e seus incisos da Lei Federal nº 10.861, de 14 de abril de 2004, e do artigo 7º da Portaria nº 2051- MEC, de 09 de Julho de 2004, atribui a esse regimento a organização, as competências e o funcionamento da CPA.

A CPA / UEMA , atua com autonomia em relação a conselhos e demais órgãos colegiados existentes na UEMA, contando com Comissões Setoriais de Avaliação –CSA / UEMA, instaladas, junto aos centros de ciências e de estudos superiores, para execução dos trabalhos de autoavaliação institucional.

A CPA , foi reestruturada no ano de 2015, através da Resolução nº 899/2015- CONSUN/UEMA, referente ao processo de avaliação dos cursos de graduação, sendo instituído o Programa de Qualidade Total – PROQUALIT, que tem como objetivo acompanhar o desempenho dos Programas de Pós- graduação Stricto sensu, de forma que sejam reconhecidos em nível nacional e internacional de qualidade excelente, também foi

desenvolvida uma ferramenta de gestão estratégica (Plano de Gestão Anual- PGA), baseado na metodologia Balanced Scorecard, que visa facilitar a divulgação, implantação e monitoramento das ações estratégicas desenvolvidas pelos gestores .(PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL – PDI: 2016-2020 / UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. SÃO LUÍS: UEMA, PROPLAN, 2016)

A CPA / UEMA, utiliza diversos instrumentos e métodos , tais como reuniões, questionários, entrevistas , plenárias para discussão, análise de documentos oficiais (Plano de Desenvolvimento institucional-PDI, Projeto Pedagógico institucional- PPI, projeto pedagógico de curso-PPC, relatórios de gestão e setores e outros).

O PDI , identifica a instituição quanto a: sua filosofia de trabalho, a missão proposta, as diretrizes pedagógicas como norteador das ações, sua estrutura organizacional e as atividades acadêmicas proposta e/ou as que pretende desenvolver. O PPI, tem como objetivo principal expressar a visão de mundo, de sociedade, individuo e de educação, dentro do contexto contemporânea. O PPC é específico para cada curso de graduação, evidenciando as especificidades da área que o curso está vinculado, é um documento de orientação acadêmica, em que consta ; o histórico do curso, sua realidade social , as políticas institucionais de ensino, pesquisa e extensão, e também todos os elementos das Diretrizes Curriculares Nacionais (PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL – PDI: 2016-2020 / UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. SÃO LUÍS: UEMA, PROPLAN, 2016).

O processo de avaliação interna da UEMA, está pautada em uma sequencia de seis etapas: Sensibilização e apresentação do projeto, levantamento de dados, sistematização dos dados e informações coletadas, análise e consolidação dos dados e informações coletadas, elaboração do relatório conclusivo e divulgação dos resultados.

O processo de avaliação externa, está embasada nas análises documentais, visitas in loco, interlocução com docentes, discentes, servidores técnicos-administrativos e da comunidade local ou regional, bem como o relatório de autoavaliação , dados do censo da educação superior, do Enade, de relatórios Capes e Currículos Lattes. Os resultados da avaliação externa , regulam os Atos de autorização (credenciamento de IES, autorização e reconhecimento de cursos) e atos regulatórios (credenciamento de IES, renovação de reconhecimento de cursos) (PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL – PDI: 2016-2020 / UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. SÃO LUÍS: UEMA, PROPLAN, 2016).

4.10 Legislações aplicadas ao funcionamento do curso

LEGISLAÇÕES APLICADAS PARA O FUNCIONAMENTO DO CURSO (RESOLUÇÕES, PARECERES , DIRETRIZES, REFERENCIAIS)	
AMPARO LEGAL	
RESOLUÇÃO Nº 203/2.000-CEPE/UEMA	Aprova as Diretrizes Gerais para a reconstrução curricular nos Cursos de Graduação da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA
RESOLUÇÃO Nº 298/2006 – CEE	Dispõe sobre credenciamento e credenciamento de instituição de educação superior, autorização de funcionamento, reconhecimento e renovação de reconhecimento de curso superior no Sistema Estadual de Educação do Maranhão e dá outras providências
RESOLUÇÃO Nº 2, DE 18 DE JUNHO DE 2007	Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial
RESOLUÇÃO Nº 807/2008- CEPE/UEMA,	Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem,
RESOLUÇÃO NO 01, DE 17 DE JUNHO DE 2010- CONAES	Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências
Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura/Secretaria de Educação Superior. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior, 2010	Compõem uma das ações de sintonia da educação superior às demandas sociais e econômicas, sistematizando, identificando as efetivas formações de nível superior no Brasil. A cada perfil de formação, associa-se uma única denominação e vice-versa, firmando uma identidade para cada curso.
RESOLUÇÃO Nº 1045/2012 -	Aprova as Normas Gerais do Ensino de

CEPE/UEMA	Graduação correspondendo as orientações acadêmicas para a organização e o funcionamento dos cursos de graduação com vistas à qualidade da UEMA para a formação de cidadãos capacitados para o exercício profissional
RESOLUÇÃO Nº 8261/2012 — CONSUN-UEMA	Cria e regulamenta o Núcleo Docente Estruturante — NDE no âmbito dos cursos de Graduação da Universidade Estadual do Maranhão — UEMA.
PARECER Nº 263/ 2012 – CEE : DA CÂMARA DE ENSINO SUPERIOR, EMITIDO NO PROCESSO Nº 012/2009-CEE,	Aprovada por unanimidade em Sessão Plenária , resolve reconhecer o Curso de Enfermagem Bacharelado do Centro de Estudos Superiores de Balsas da Universidade Estadual do Maranhão pelo prazo de 5 (cinco) anos
RESOLUÇÃO Nº 205/2012 – CEE	Reconhece o curso de Enfermagem Bacharelado do Centro de Estudos Superiores de Balsas da Universidade Estadual do Maranhão
RESOLUÇÃO 996/2012- CEPE/UEMA,,	Aprova o Currículo e a ementa do curso de Enfermagem Bacharelado unificado no âmbito da Universidade Estadual do Maranhão,Estabelece equivalência curricular para fins de adaptação do currículo do ano 2008, para o currículo unificado 2013.1 do Curso de ENFERMAGEM.
RESOLUÇÃO Nº 875/ 2014- CONSUN/UEMA	Estabelece procedimentos para proposição de criação de cursos de graduação, na Universidade Estadual do Maranhão-UEMA
RESOLUÇÃO Nº 215/ 2017- CEE	Renova o Recredenciamento da

	Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, por 5 (cinco) anos
PORTARIA NORMATIVA Nº 16/ 2018-GR/UEMA	Estabelece procedimentos e prazos referentes a tramitação, de processos para elaboração, atualização, consolidação de projetos pedagógicos, ou ajustes No currículo do curso de graduação da Universidade Estadual do Maranhão
SISTEMA NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (SINAES)	Analisa as instituições, os cursos e o desempenho dos estudantes. O processo de avaliação leva em consideração aspectos como ensino, pesquisa, extensão, responsabilidade social, gestão da instituição e corpo docente. O Sinaes reúne informações do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e das avaliações institucionais e dos cursos
PDI	Identifica a instituição quanto a: sua filosofia de trabalho, a missão proposta, as diretrizes pedagógicas como norteador das ações, sua estrutura organizacional e as atividades acadêmicas proposta e/ou as que pretende desenvolver

5 CURRÍCULO DO CURSO

5.1 Regime escolar

O regime do Curso de Enfermagem Bacharelado possui características relacionadas à integralização, carga horária, números de créditos, horário de funcionamento, conforme citado abaixo:

- Período de Integralização do curso: (Mínimo: 5 anos e Máximo: 7,5 anos)
- Carga horária total: 4290 horas
- Quantitativo de períodos letivos: 10 períodos
- Quantitativo de aulas teóricas total: 3360h

- Quantitativo de aulas de estágios e práticas: 900h
- Total de Créditos do Currículo do curso: 208h
- Horário de Funcionamento: Integral (7h30min – 18h30min)

5.2 Temas abordados na formação

Os temas abordados na formação estão pautados em Anatomia; Fisiologia; Histologia; Bioquímica; Biofísica; Microbiologia; Patologia; Farmacologia; Parasitologia; Biologia; Genética; Psicologia; Sociologia; Educação em Saúde; Humanização; Assistência de Enfermagem ao Indivíduo, à Família e à Comunidade nos ciclos de atenção primária, secundária e terciária; Administração de Enfermagem; Bioética; Ética e Meio Ambiente; Relações Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS).

Os conteúdos essenciais para o Curso de Graduação em Enfermagem devem estar relacionados com todo o processo saúde-doença do cidadão, da família e da comunidade, integrado à realidade epidemiológica e profissional, proporcionando a integralidade das ações do cuidar em enfermagem. Os conteúdos devem contemplar:

I - Ciências Biológicas e da Saúde – incluem-se os conteúdos (teóricos e práticos) de base moleculares e celulares dos processos normais e alterados, da estrutura e função dos tecidos, órgãos, sistemas e aparelhos, aplicados às situações decorrentes do processo saúde-doença no desenvolvimento da prática assistencial de Enfermagem;

II - Ciências Humanas e Sociais – incluem-se os conteúdos referentes às diversas dimensões da relação indivíduo/sociedade, contribuindo para a compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais, nos níveis individual e coletivo, do processo saúde-doença;

III - Ciências da Enfermagem - neste tópico de estudo, incluem-se:

a) Fundamentos de Enfermagem: os conteúdos técnicos, metodológicos e os meios e instrumentos inerentes ao trabalho do Enfermeiro e da Enfermagem em nível individual e coletivo;

b) Assistência de Enfermagem: os conteúdos (teóricos e práticos) que compõem a assistência de Enfermagem em nível individual e coletivo prestada à criança, ao adolescente, ao adulto, à mulher e ao idoso, considerando os determinantes sócio-culturais, econômicos e ecológicos do processo saúde-doença, bem como os princípios éticos, legais e humanísticos inerentes ao cuidado de Enfermagem;

c) Administração de Enfermagem: os conteúdos (teóricos e práticos) da administração do processo de trabalho de enfermagem e da assistência de enfermagem; e

d) Ensino de Enfermagem: os conteúdos pertinentes à capacitação pedagógica do enfermeiro, independente da Licenciatura em Enfermagem.

5.3 Matriz curricular

ESTRUTURA CURRICULAR ENFERMAGEM BACHARELADO						
Cód.	1º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Anatomia Humana	NE	120	6	1	7
2	Antropologia	NC	60	4	0	4
3	Leitura e Produção Textual	NC	60	4	0	4
4	História da Enfermagem	NE	60	4	0	4
5	Metodologia Científica	NC	60	4	0	4
6	Citologia e Histologia	NE	90	4	1	5
SUBTOTAL			450	26	2	28
Cód.	2º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Sociologia da Saúde	NE	60	4	0	4
2	Genética e Embriologia	NE	60	4	0	4
3	Fisiologia	NE	90	6	0	6
4	Bioquímica Geral	NE	90	4	1	5
5	Biofísica	NC	60	4	0	4
6	Bioestatística	NC	60	4	0	4
SUBTOTAL			420	26	1	27
Cód.	3º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Semiologia na Enfermagem	NE	90	4	1	5
2	Teorias de Enfermagem	NE	60	4	0	4
3	Saúde Ambiental	NE	60	4	0	4
4	Microbiologia e Imunologia	NC	90	4	1	5
5	Bases Técnicas Fundamentais da Enfermagem	NE	90	4	1	5

SUBTOTAL				390	20	3	23
Cód.	4º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total	
				Teóricos	Práticos		
1	Parasitologia	NC	60	2	1	3	
2	Psicologia na Saúde	NE	60	4	0	4	
3	Bioética e Legislação na Enfermagem	NE	60	4	0	4	
4	Farmacologia	NE	90	4	1	5	
5	Bases Técnicas Aplicadas da Enfermagem	NE	90	4	1	5	
6	Patologia	NE	60	4	0	4	
SUBTOTAL				420	22	3	25
Cód.	5º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total	
				Teóricos	Práticos		
1	Língua Inglesa Instrumental	NC	60	4	0	4	
2	Nutrição	NC	60	4	0	4	
3	Terapias Naturais	NC	60	2	1	3	
4	Enfermagem do Trabalho	NE	60	4	0	4	
5	Saúde Mental	NE	60	4	0	4	
6	Epidemiologia	NE	90	6	0	6	
SUBTOTAL				390	24	1	25
Cód.	6º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total	
				Teóricos	Práticos		
1	Infectologia	NE	60	4	0	4	
2	Psiquiatria na Enfermagem	NE	60	2	1	3	
3	Saúde Coletiva	NE	90	4	1	5	
4	Saúde da Família	NE	90	4	1	5	
5	Educação e Saúde	NE	60	2	1	3	
6	Optativa I	NL	60	4	0	4	
SUBTOTAL				420	20	4	24
Cód.	7º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total	
				Teóricos	Práticos		
1	Saúde da Mulher	NE	60	2	1	3	
2	Urgências e Emergências	NE	90	3	1	4	
3	Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente	NE	90	4	1	5	
4	Administração dos Serviços de Saúde	NE	60	4	0	4	
5	Optativa II	NL	60	4	0	4	
SUBTOTAL				360	17	3	20
Cód.	8º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total	
				Teóricos	Práticos		
1	Saúde do Adulto e do Idoso	NE	120	6	1	7	
2	Projeto de Pesquisa em Saúde	NE	60	4	0	4	
3	Perioperatória	NE	120	6	1	7	
4	Obstetrícia	NE	60	2	1	3	
SUBTOTAL				360	18	3	21

Cód.	9º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Estágio Curricular Supervisionado em Saúde Coletiva	NE	90	0	2	2
2	Estágio Curricular Supervisionado em Saúde da Família	NE	270	0	6	6
3	Estágio Curricular Supervisionado em Saúde Mental e Psiquiátrica	NE	90	0	2	2
SUBTOTAL			450	0	10	10
Cód.	10º PERÍODO – DISCIPLINAS	Núcleo	CH	Créditos		Total
				Teóricos	Práticos	
1	Estágio Curricular Supervisionado em Saúde da Mulher e do Recém Nascido	NE	90	0	2	2
2	Estágio Curricular Supervisionado na Saúde da Criança e do Adolescente	NE	90	0	2	2
3	Estágio Curricular Supervisionado na Saúde do Adulto e do Idoso	NE	90	0	2	2
4	Estágio Curricular Supervisionado em Perioperatória	NE	90	0	2	2
5	Estágio Curricular Supervisionado em Administração Hospitalar	NE	90	0	2	2
6	Atividades Complementares	*	180	0	4	4
7	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC	*	*	*	*	*
SUBTOTAL			630	0	14	14
TOTAL			4290	173	44	217

5.3.1 Disciplinas de núcleo específico

NÚCLEO ESPECÍFICO					
Cód.	DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
			Teóricos	Práticos	
1	Anatomia Humana	120	6	1	7
2	História da Enfermagem	60	4	0	4
3	Citologia e Histologia	90	4	1	5
4	Sociologia da Saúde	60	4	0	4
5	Genética e Embriologia	60	4	0	4
6	Fisiologia	90	6	0	6
7	Bioquímica Geral	90	4	1	5
8	Semiologia na Enfermagem	90	4	1	5
9	Teorias de Enfermagem	60	4	0	4
10	Saúde Ambiental	60	4	0	4
11	Bases Técnicas Fundamentais da Enfermagem	90	4	1	5
12	Psicologia na Saúde	60	4	0	4

13	Bioética e Legislação na Enfermagem	60	4	0	4
14	Farmacologia	90	4	1	5
15	Bases Técnicas Aplicadas da Enfermagem	90	4	1	5
16	Patologia	60	4	0	4
17	Enfermagem do Trabalho	60	4	0	4
18	Saúde Mental	60	4	0	4
19	Epidemiologia	90	6	0	6
20	Infectologia	60	4	0	4
21	Psiquiatria na Enfermagem	60	2	1	3
22	Saúde Coletiva	90	4	1	5
23	Saúde da Família	90	4	1	5
24	Educação e Saúde	60	2	1	3
25	Saúde da Mulher	60	2	1	3
26	Urgências e Emergências	90	3	1	4
27	Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente	90	4	1	5
28	Administração dos Serviços de Saúde	60	4	0	4
29	Saúde do Adulto e do Idoso	120	6	1	7
30	Projeto de Pesquisa em Saúde	60	4	0	4
31	Perioperatória	120	6	1	7
32	Obstetrícia	60	2	1	3
33	Estágio Curricular Supervisionado em Saúde Coletiva	90	0	2	2
34	Estágio Curricular Supervisionado em Saúde da Família	270	0	6	6
35	Estágio Curricular Supervisionado em Saúde Mental e Psiquiátrica	90	0	2	2
36	Estágio Curricular Supervisionado em Saúde da Mulher e do Recém Nascido	90	0	2	2
37	Estágio Curricular Supervisionado na Saúde da Criança e do Adolescente	90	0	2	2
38	Estágio Curricular Supervisionado na Saúde do Adulto e do Idoso	90	0	2	2
39	Estágio Curricular Supervisionado em Perioperatória	90	0	2	2
40	Estágio Curricular Supervisionado em Administração Hospitalar	90	0	2	2
TOTAL		3360	129	37	166

5.3.2 Disciplinas de núcleo comum

NÚCLEO LIVRE

Cód.	DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
			Teóricos	Práticos	
1	Fundamentos de Oncologia	60	2	1	3
2	Infecção Hospitalar	60	2	1	3
3	Língua Brasileira de Sinais	60	2	1	3
4	Suporte Básico e Avançado de Vida	60	2	1	3
5	Leitura e Interpretação de Exames Laboratoriais em Enfermagem	60	2	1	3
6	DST/AIDS	60	2	1	3
7	Assistência Transdisciplinar em Comunidades	60	2	1	3
8	Informática na Saúde	60	2	1	3
9	Ortopedia e Traumatologia	60	2	1	3
10	Geriatrics e Gerontologia	60	2	1	3
TOTAL EXIGIDO		120	2	1	3

5.3.3 Disciplinas de núcleo livre

NÚCLEO LIVRE					
Cód.	DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
			Teóricos	Práticos	
1	Fundamentos de Oncologia	60	2	1	3
2	Infecção Hospitalar	60	2	1	3
3	Língua Brasileira de Sinais	60	2	1	3
4	Suporte Básico e Avançado de Vida	60	2	1	3
5	Leitura e Interpretação de Exames Laboratoriais em Enfermagem	60	2	1	3
6	DST/AIDS	60	2	1	3
7	Assistência Transdisciplinar em Comunidades	60	2	1	3
8	Informática na Saúde	60	2	1	3
9	Ortopedia e Traumatologia	60	2	1	3
10	Geriatrics e Gerontologia	60	2	1	3
TOTAL EXIGIDO		120	2	1	3

5.4 Ementários e referências das disciplinas do curso

1º PERÍODO	
DISCIPLINA: ANATOMIA HUMANA	CH: 120
EMENTA: Estrutura anatômica. Aspectos macroscópicos dos órgãos e sistemas orgânicos. Morfologia dos órgãos e sistema. Nomenclatura anatômica.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: DÂNGELO, J. G.; FATTINI, C. A. Anatomia humana básica . 2.ed. Rio de Janeiro: Ateneu, 2000. SOBOTTA, J. Atlas de anatomia humana: cabeça, pescoço e extremidade superior . 22. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. V.1, 2006. SOBOTTA, J. Atlas de anatomia humana: tronco, vísceras e extremidade inferior . 22. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. V.2, 2006. SOBOTTA, J. Atlas de Anatomia Humana , 23o edição. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2013. AGUR, A. M. R; DALLEY, A. F.; MOORE, K. L. Anatomia Orientada para a Clínica . 6. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2010.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: KAWAMOTO, E. E. Anatomia e fisiologia humana . Sao Paulo: EPU, 2003. MOORE, K. L. Anatomia orientada para a clínica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. NETTER, F. H. Atlas de anatomia humana . 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.	

1º PERÍODO	
DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA	CH: 60
EMENTA: Antropologia como Ciência. Métodos de Antropologia. Antropologia e Cultura: conceito de homem, raças humanas, culturas e mitos. Diversidades e Etnocentrismo. Antropologia do Brasil: a questão indígena. Sociedades camponesas. Religião. Minorias Étnicas e sociais.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: COSTA, M. C. C. Sociologia: introdução à ciência da sociedade . 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005. JAPIASSU, H. Introdução às ciências humanas . 3. ed. São Paulo: Letras & Letras, 2002. LAPLATINE, F. Aprender Antropologia . São Paulo: Brasiliense, 2000. MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Z. M. N. Antropologia: uma introdução . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007. MELLO, L. G. Antropologia Cultural . 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: ARENDT, H. A condição humana . 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. BERGER, P. L. A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento . 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. DIAS, R. Fundamentos da Sociologia geral . 2. ed. Campinas: Alínea, 2006.	

1º PERÍODO	
DISCIPLINA: LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL	CH: 60
EMENTA: Linguagem. Texto e textualidade. Gramática do texto. Critérios para a análise da coerência e da coesão. Intertextualidade. Prática de leitura e produção de textos.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: ANDRADE, M. M.; HENRIQUES, A. Língua Portuguesa: noções básicas para cursos superiores. 7ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2004. CEGALLA, D.P. Novíssima Gramática das Língua Portuguesa. 46ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2007. DILETA, S. M.; ZILBERKNOP, L. S. Português Instrumental. 25 ed. São Paulo, 2004. MARTINS, D.S. Portugues instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT. São Paulo: Atlas, 2010 MEDEIROS, J. B. Português Instrumental. 6ª Edição. São Paulo: Editora Atlas. 2007.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: AZEREDO, J. C. de A. Escrevendo pela nova ortografia. 2 ed. Rio de Janeiro: Houaiss Publifolha. NETO, J. O. Redação prática e moderna. São Paulo: Editora Érica. 2001. VIARIO, M. E. Por trás das palavras. 1ª Reimpressão. São Paulo: Editora lobo. 2004	

1º PERÍODO	
DISCIPLINA: HISTÓRIA DA ENFERMAGEM	CH: 60
<p>EMENTA: A evolução histórica e social da prática de enfermagem da origem ao mundo contemporâneo. O período obscuro da enfermagem. O desenvolvimento da enfermagem nas Américas. O advento da enfermagem no Brasil. A história do ensino da enfermagem. A realidade e perspectiva da Enfermagem no Brasil e no Maranhão.</p>	
<p>REFERÊNCIAS BÁSICAS: CIANCIARULLO, T. I. Instrumentos Básicos para o Cuidar: um desafio para a qualidade da assistência. São Paulo: Atheneu; 2005. GEOVANINI, Telma et al. História da Enfermagem: versões e interpretações. 3º ed. Rio de Janeiro. Revinter, 2010. MCEWEN, Melanie; WILLS, Evelyn M. Bases Teóricas para Enfermagem. 2º Ed. Porto Alegre. Artmed, 2009. MURTA, Genilda Ferreita et al. Saberes e Práticas. Guia para ensino e aprendizado de Enfermagem. 6ª Ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, Vol 2, 2010. (série curso de enfermagem) PORTO, Fernando; AMORIM Wellington. História da Enfermagem. Brasileira. Lutas, Ritos e Emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.</p>	
<p>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: GEORGE, J.B. Teorias de Enfermagem: os fundamentos para a prática profissional. 4º ed. Porto Alegre, Artmed, 2000. HORTA, Wanda Aguiar. Processo de Enfermagem. São Paulo: EPU, 1979. RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon. História da enfermagem e sua relação com a saúde</p>	

pública. 1ºed. Goiânia: AB Editora. 1999.

1º PERÍODO
DISCIPLINA:METODOLOGIA CIENTIFICA
EMENTA: Epistemologia do conhecimento científico. A questão do método e do processo do conhecimento científico. Pressupostos básicos do trabalho científico. Pesquisa como atividade básica da ciência. Normalização do trabalho acadêmico-científico.
REFERENCIAS BÁSICAS: ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 2010. CERVO, Amado L.; BERVIAN, P. A.. Metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2006. GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008. OLIVEIRA Netto, Alvim Antônio de. Metodologia da pesquisa científica: guia prático para apresentação de trabalhos acadêmicos. 2. ed Florianópolis: visual books, 2008. PÁDUA, Elisabete Matollo Marchesini Metodologia da pesquisa abordagem teóricoprática. 9 ed. Campinas: Papyrus, 2000
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e documentação, referências, elaboração, Rio de Janeiro, 2002. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: Informação e documentação, apresentação de citações em documentos, Rio de Janeiro, 2002. GAUTHIER, Pesquisa em Enfermagem: Novas Metodologias Aplicadas, Riode Janeiro:

Guanabara Koogan, 1998.

1º PERÍODO	
DISCIPLINA: CITOLOGIA E HISTOLOGIA	CH: 90
EMENTA: Estudo das células, aspectos estruturais e funcionais. Estudo histológico das células, tecidos, sistemas do organismo humano. Histopatologia dos tecidos, sistema hematopoiético e orgânico.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: DI FIORE, Mariano S. H. Atlas de Histologia . 7ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. GARTNER, Leslie P.; HIATT, James L. Atlas colorido de histologia . Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2002. JUNQUEIRA, L.C.U. Biologia Estrutural dos Tecidos-Histologia . Guanabara- Koogan, 2005 KERR, J. B. Atlas de Histologia Funcional . São Paulo: Artes Médicas, 2000. SOBOTTA. Histologia: Atlas Colorido de Citologia/Histologia e Anatomia Microscópica Humana . Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2002..	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: DE ROBERTIS, E.; DE ROBERTIS, E.M. Bases da biologia celular e molecular . 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan , 2006. JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. Biologia celular e molecular . 8.ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005 YOUNG, Barbara; HEATH, John W. Histologia funcional . 4ºed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.	

2º PERÍODO	
DISCIPLINA: GENÉTICA E EMBRIOLOGIA	CH: 60
EMENTA: Divisão Celular. Genética mendeliana. Tipos de Herança Mendeliana. Aplicações dos princípios de Mendel. Erros Inatos do Metabolismo. Terapia gênica. Aberrações Cromossômicas. Genética do Câncer. Aparelho reprodutor humano. Gametogênese, fecundação, desenvolvimento embrionário, diferenciação e organogênese. Estudo do desenvolvimento embrionário dos sistemas que compõem o organismo humano. Má formação congênita.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: JORDE & COL. Genética Médica: Guanabara Koogan, 2004. MOORE, Keith L.; PERSAUD, T. V. N. Embriologia Básica. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000. OTTO & COL. Genética Humana e Clínica: Rocca, 2004. SADLER, T. W. Langman. Embriologia Humana. 9ed. RJ Guanabara Koogan 2005. THOMPSON, M.W. & col. Genética Médica. 6.ed:Guanabara Koogan, 2002.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: ETIENNE, Jacqueline. Bioquímica genética e biologia molecular. São Paulo: Santos, 2003. GRIFFITHS, A.S. Introdução à Genética. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. THOMPSON, J.S. & THOMPSON, N.W. Genética Médica. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.	

2º PERÍODO	
DISCIPLINA: FISIOLOGIA	CH: 90
EMENTA: Introdução ao estudo da Fisiologia. Homeostasia e mecanismos homeostáticos. Transporte e Potências transmembrana celular: transmissão sináptica. Transmissão neuromuscular e contração muscular. Funções sensitivas e motoras. Fisiologia do sistema nervoso, dos órgãos dos sentidos, do sistema cardiovascular, sistema respiratório, sistema digestório e renal. Fisiologia do sistema endócrino. Fisiologia da reprodução.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: GUYTON, A.C. Tratado de fisiologia médica . 11º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. HALL, John E. Tratado de fisiologia medica . Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. KAWAMOTO, Emilia. Anatomia e Fisiologia Humana . 2º ed. São Paulo. EPU. 2003. JACOB-FRANCINE-LASSOW. Anatomia e Fisiologia Humana . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1990. TORTORA, Gerard J. Corpo humano: fundamentos de anatomia e fisiologia . Porto Alegre: Artmed, 2000.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: BERNE & LEVI. Fisiologia . 4º Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. FARINATTI, Paulo de Tarso V.. Fisiologia e avaliação funcional . Rio de Janeiro: Sprint, 2000. OLIVEIRA, NorivalSantolin de. Anatomia e fisiologia humana . Goiania: AB, 2002.	



2º PERÍODO	
DISCIPLINA: BIOQUÍMICA GERAL	CH: 90
EMENTA: História da química biológica. Aminoácidos. Estrutura das proteínas globulares e fibrosas. Enzimas. Conceitos de metabolismo. Glicólise, gliconeogênese, ciclo de Krebs. Metabolismo dos lipídios, metabolismo do colesterol e esteroides. Metabolismo das Vitaminas.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: BERG, Jeremy M. Bioquímica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. CHAMPE, Pâmela. C; HARVERY, Richard A. Bioquímica ilustrada . 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006 LEHNINGER, Albert Lester. Princípios de bioquímica . 3ª ed. São Paulo: Savier, 2006. MARZZOCO, Anita; TORRES, Bayardo. Bioquímica básica . 3ª ed. Rio de Janeiro, 2007. SACKHEIM, George I. LEHMAN. Dennis D. Química e bioquímica para ciências biomédicas . 8ª ed. Barueri: Manole, 2001.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: CAMPBELL, M.K. Bioquímica . 3ª ed. Editora Saunders College Pub, Rio de Janeiro, 2000. PRATT, Charlotte W. Bioquímica essencial . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. RIEGEL, Romeo Ernesto. Bioquímica . São Leopoldo: Unisinos, 2001.	

2º PERÍODO	
DISCIPLINA: BIOFÍSICA	CH: 60
EMENTA: Medidas em Ciências Biológicas, PH e tampões. Biofísica de membranas: filtração, diálise e transporte. Bioeletrogênese. Efeitos biológicos das radiações ionizantes e não ionizantes. Biofísica dos sistemas.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: BISCUOLA, G. J.; MAIALI, A. C.; Física – volume único: mecânica, termologia, ondulatória, óptica e eletricidade . 3. ed., São Paulo: Saraiva, 2002. COMPRI, Mariane. Praticas de laboratório de bioquímica e biofísica: uma visão integrada . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. DURAN, José Enrique Rodas. Biofísica: fundamentos e aplicações . São Paulo: Prentice-Hall, 2003. HENEINE, I. F. Biofísica Básica . 1. ed., São Paulo: Atheneu, 2003. NARDY, M. C.; STELLA, M. B.; OLIVEIRA, C. Práticas de Laboratório de Bioquímica e Biofísica . Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2009.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: GARCIA, E. A. C. Biofísica . São Paulo: Sarvier, 2002. GUYTON, A.C., HALL, J. E. Tratado de Fisiologia Médica . 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. HALLIDAY, David. Fundamentos de física: gravitação, ondas e termodinâmica . Rio de Janeiro: LTC, 2009.	

2º PERÍODO	
DISCIPLINA: BIOESTATÍSTICA	CH: 60
EMENTA: Medidas em Ciências Biológicas, PH e tampões. Biofísica de membranas: filtração, diálise e transporte. Bioeletrogênese. Efeitos biológicos das radiações ionizantes e não ionizantes. Biofísica dos sistemas.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: CALLEGARI, Sidia M. Bioestatística – Princípios e Aplicações . Ed. Artmed, Porto Alegre, 2008. JEKEL, James F. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva . 2ª ed, Porto Alegre, Artmed –2005. MOORE, David S. e MCCABE, George P. Introdução à Prática da Estatística . 3ª ed. Rio de Janeiro, LTC, 2002. MOORE, David S.. A estatística básica e sua prática . São Paulo: LTC, 2011. MAGNUSSON, Willian E. Estatística [sem] Matemática – Londrina - editora Planta , 2005.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: COSTA, Sergio Francisco. Introdução ilustrada: a estatística . São Paulo: Harbra, 2005. CRESPO, Antonio Arnot. Estatística fácil . São Paulo: Saraiva, 2009. FARIAS, Alfredo Alves de. Introdução a estatística . São Paulo: LTC, 2003.	

2º PERÍODO	
DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA SAÚDE	CH: 60
EMENTA: Sociologia e Filosofia. Estrutura social: questão social, trabalho, produção capitalista, classes sociais e família. Relações políticas: Estado, organização da assistência à saúde. Relações ideológicas: padrões sócio-culturais, ideologia. Abordagem analítica e crítica do sistema de Saúde em seu contexto econômico, político e social.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: COSTA, Maria Cristina Castilho. Sociologia: introdução à ciência da sociedade . 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005. JAPIASSU, Hilton. Introdução às ciências humanas . 3. ed. São Paulo: Letras & Letras, 2002. LAPLATINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2000. MARCONI, Marina de Andrade ; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. Antropologia: uma introdução . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007. MELLO, L. G. Antropologia Cultural . 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: ARENDT, Hannah. A condição humana . 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. BERGER, Peter L. A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento . 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. DIAS, Reinaldo. Fundamentos da Sociologia geral . 2. ed. Campinas: Alínea, 2006.	

3º PERÍODO	
DISCIPLINA: MICROBIOLOGIA E IMUNOLOGIA	CH: 90
EMENTA: Morfologia bacteriana. Reprodução e crescimento bacteriano. Nutrição bacteriana. Ecologia bacteriana. Virologia. Micologia. Infecção. Assepsia. Anti-sepsia, esterilização e desinfecção. Imunologia. Organização do sistema imune. Antígeno e anticorpo. Injúria imunológica. Hipersensibilidade imediata e retardada. Imunoprofilaxia e imunoterapia.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: BIER, OTTO. Bacteriologia e Imunologia – Melhoramentos-SP/2002. DIAS DA SILVA, W.; MOTA, I. Bier Imunologia Básica e Aplicada . 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan, 2003. TRABULSI, L. R. e Cols. Microbiologia . 5ª ed. São Paulo. Atheneu.2008 TORTORA, G.J.; FUNKE, B.R.; CASE,C.L. Microbiologia . 6ª edição. Artmed, Porto Alegre, 2002.. JEWETZ, E. e Cols. Microbiologia Médica . 2002. Ed. Guanabara –Koogan. 22ª ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro – RJ, 2002.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: MURRAY, Microbiologia Médica .Ed. Guanabara –Koogan 4ª ed. Rio de Janeiro-RJ, 2009. ABBAS, A; LINCHTMAN, A. H; PILLAI, S. Imunologia Celular e Molecular . 6 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. ROITT, I.; BROSTOFF, J.; MALE, D. Imunologia .6. ed. São Paulo: Manole, 2003.	

3º PERÍODO	
DISCIPLINA: SEMIOLOGIA NA ENFERMAGEM	CH: 90
EMENTA: Subsídios teóricos e práticos ao exame físico e mental da criança, adolescente, adulto e idoso. Análise de sinais e sintomas dos órgãos e sistemas em situação normal e patológica.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS	
<p>POSSO, M. B. S. Semiologia e semiotécnica de enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2009.</p> <p>POTTER, P. A.; PERRY A. G. Fundamentos de enfermagem. 7 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.</p> <p>CRISTINA DENZIN. Procedimentos Básicos em Enfermagem. 4ª Ed. Campinas: Ed. Komechi, 2010.</p> <p>SILVA, R.C.L.; SILVA, C.R.L.S.; SANTIAGO, L.C. Semiologia em Enfermagem. São Paulo: Roca, 2011.</p> <p>TANNURE, M.C; PINHEIRO, A.M.F. Semiologia / bases clínicas para o processo de enfermagem. 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.</p>	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
<p>MOTTA, Ana Letícia. Normas, rotinas e técnicas de enfermagem. 5 ed. São Paulo: Iátria, 2008.</p> <p>PORTO, Celmo Celso. Semiologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 1317 p. ISBN 978-85-277-1008.</p> <p>SWEARINGEN, Pámela L.; HOWARD, Cheri A. Atlas fotográfico de procedimentos de enfermagem. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.</p>	

3º PERÍODO	
DISCIPLINA: BASES TÉCNICAS FUNDAMENTAIS DA ENFERMAGEM	CH: 90
EMENTA: Assistência de enfermagem às necessidades do cliente com relação à: manutenção das funções reguladoras. Manutenção da integridade corporal, alimentação e hidratação. Terapêutica das eliminações; oxigenação, abrigo; cuidado corporal; conforto físico, sono e repouso.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: GIOVANI, A. M. M. Enfermagem: cálculo e administração de medicamentos. 10. ed. São Paulo: Atheneu, 2006. JORGE, S. A., DANTAS, S. R. P. E. Abordagem Multiprofissional do Tratamento de feridas. São Paulo, 2003. NETTINA, S. M. Prática de Enfermagem. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. SMELTZER, C. S. et al. Brunner&Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2009. TAYLOR, C.; LILLIS, C.; LE MONE, P. Fundamentos de Enfermagem: a arte e a ciência do cuidado de enfermagem. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: POTTER, P. A. ; PERRY, A. G. Fundamentos de Enfermagem. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. PRADO, M. L. e GELBCKE, F. L. Fundamentos de Enfermagem. Florianópolis: UFSC, 2002. TIMBY, B. K. Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.	

3º PERÍODO	
DISCIPLINA:SAÚDE AMBIENTAL	CH: 60
<p>EMENTA: Ecologia e Saúde. Relação entre o homem e o meio ambiente. Legislação Ambiental. Resíduos Sólidos, Vetores e Zoonoses. Sistemas alternativos de soluções em saneamento. Resíduos hospitalares e impacto ambiental. Saúde urbana: fatores de risco individuais e coletivos. Visita técnica para investigação das condições de saneamento ambiental da cidade.</p>	
<p>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</p> <p>ROCHA A.A.; CESAR C.L.G. Saúde pública. São Paulo SP: Atheneu, 2005.</p> <p>PEDRINI, Alexandre Gusmao. Educação ambiental: reflexoes e praticascontemporaneas.Petropolis: Vozes, 2008.</p> <p>DIAS, Genebaldo Freire. Educação ambiental: principios e praticas. São Paulo: Gaia, 2004.</p> <p>MANO, Eloisa Biasotto. Meio ambiente, poluição e reciclagem. São Paulo: Edgar Blucher, 2010.</p> <p>MEDINA, Nana Mininni. Educação ambiental: uma metodologia participativa de formação. Petrópolis,RJ: Vozes, 2008.</p>	
<p>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:</p> <p>BERNA, Vilmar. Como fazer educação ambiental: principios e praticas. São Paulo: Paulus, 2001</p> <p>FIGUEIREDO, N.M.A Ensinando a Cuidar em Saúde Pública. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora 2005.</p> <p>ROCHA A.A.; CESAR C.L.G. Saúde pública.São Paulo SP: Atheneu, 2010</p>	



3º PERÍODO	
DISCIPLINA: TEORIAS DA ENFERMAGEM	CH: 60
EMENTA: Filosofia e ciência da Enfermagem. Teorias da Enfermagem e sua aplicabilidade. Metodologia da Assistência da Enfermagem	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: JOHNSON, M. & Cols. Ligações entre Nanda, Noc e Nic – Diagnósticos, Resultados e Intervenções de Enfermagem . 2º Ed. Porto Alegre. Artmed, 2009. NANDA INTERNACIONAL. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda - Definições e Classificação 2009/2011 . Editora Artmed. PINHEIRO Ana Maria; TANNURE, Meire Chucre. SAE: Sistematização da Assistência de Enfermagem: Guia Prático . 2º Ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2010. TACLA, M.T.G.M. Desenvolvendo o Pensamento Crítico no Ensino de Enfermagem . Goiânia: AB, 2002 SPARKS, S. M.; TAYLOR, C. M.; DYER J. G. diagnóstico de Enfermagem . Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso, 2000.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: JOHNSON, M. & Cols. Ligações entre Nanda, Noc e Nic – Diagnósticos, Resultados e Intervenções de Enfermagem . 2º Ed. Porto Alegre. Artmed, 2015 NANDA INTERNACIONAL. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda - Definições e Classificação 2012/2015 . Editora Artmed. PINHEIRO Ana Maria; TANNURE, Meire Chucre. SAE: Sistematização da Assistência de Enfermagem: Guia Prático . 2º Ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2017.	

4º PERÍODO	
DISCIPLINA: PSICOLOGIA NA SAÚDE	CH: 60
EMENTA: Introdução ao estudo da psicologia. Conceito, objeto e divisão da psicologia.. Comportamento humano. Teorias de desenvolvimento. O ser humano e a formação da personalidade. Psicologia na saúde. Relações interpessoais, interação enfermeiro – cliente - família.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: ANGERAMI, Valdemar Augusto. Tendências em psicologia hospitalar . São Paulo: Cengage, 2009 BARROS, Celia Silva Guimaraes. Pontos de psicologia do desenvolvimento . São Paulo: Ática, 2000. FARAH, O. G. F; SÁ A. C. Psicologia aplicada à enfermagem . Série enfermagem. São Paulo: Manole. 2008. KNOBEL, Elias. Psicologia e humanização: assistência aos pacientes graves . São Paulo: Atheneu, 2008. LIPP, M. E. N. O stress está dentro de você . São Paulo: Contexto. 2007.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: BRAGHIROLI, Elaine Maria. Psicologia geral . Petropolis: Vozes, 2005. CAIXETA, Marcelo. Psicologia medica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. TOURETTE, Catherine. Introdução a psicologia do desenvolvimento: do nascimento a adolescência . Petrópolis: Vozes, 2009.	

4º PERÍODO	
DISCIPLINA: PARASITOLOGIA	CH: 60
EMENTA: Estudo dos principais parasitas de interesse em patologia humana. Protozoários helmintos de interesse médico e suas relações com o homem e o ambiente. Estudo da morfologia, biologia e profilaxia das principais espécies de artrópodes e moluscos de importância epidemiológica regional. Técnicas básicas empregadas para diagnóstico parasitológico em laboratórios.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: BERENGUER, J.G. Manual de parasitologia . Trad. Hilda Beatriz Dmitruk. Chapecó: Argos, 2006. CIMERMAN, Benjamin Parasitologia Humana e seus Fundamentos Gerais . São Paulo: Atheneu, 2005. MORAES, Ruy Gomes de. Parasitologia e micologia humana . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008 NEVES, David. Pereira. Parasitologia humana . 11. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2005. PEREIRA NEVES, David. Parasitologia Humana ., 11.ed. Atheneu., 2004. REY, L. Bases da Parasitologia Médica . 2.ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro 2002	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: WALTER, R.; BARRA, C.R. Microbiologia, imunologia e parasitologia . Curitiba: Século XXI, 2001 JUNQUEIRA, L. C. U.; CARNEIRO, J. Biologia celular e molecular . 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. MARIANO, M. L. M. Manual de parasitologia humana . Ilhéus (BA): Ed. da UESC, 2004.	

4º PERÍODO	
DISCIPLINA: BIOÉTICA E LEGISLAÇÃO NA ENFERMAGEM	CH:60
EMENTA: Ética, legislação e o exercício profissional. Código de Ética de Enfermagem. Bioética e o ser humano no processo saúde doença. Discussão de temas de implicações éticas.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: AZEVEDO, Marco Antonio de Oliveira. Bioética Fundamental . Porto Alegre: Tomo Editorial, 2002. DINIZ, Débora e GUILHERME, Dirce. O que é Bioética. São Paulo: Brasiliense, 2005 FONTINELE JUNIOR, k. Ética e Biótica em Enfermagem . Goiânia: AB Editora, 2003 MOOSER, Antonio. Bioética: do consenso ao bom senso . Petropolis: Vozes, 2006. MURTA, GenildaFerreitaet al. Saberes e Práticas. Guia para ensino e aprendizado de Enfermagem . 6ª Ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010. (série curso de enfermagem) Volume 4.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: SGRECCIA, Helio. Manual de Bioética: Fundamentos e Ética Biomédica . 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. BERLINGUER, Giovanni. Bioética cotidiana . Brasília: UNB, 2004. VIEIRA, Tereza Rodrigues. Bioética nas Profissões . Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Site: www.portalcofen.com.br	

4º PERÍODO	
DISCIPLINA:FARMACOLOGIA	CH:90
EMENTA: Introdução à Farmacologia. Farmacocinética. Farmacodinâmica. Farmacologia dos Sistemas. Interação Medicamentosa. Farmacologia clínica. Quimioterapia	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: ASPERHEIM. Mary Kaye. Farmacologia para Enfermagem . 9ª edição. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2003. KOROLKOVAS, Andrejus. Dicionário Terapêutico Guanabara. Rio de Janeiro: Kooogan, 2006. PENILDON, SILVA. Farmacologia . 8 ed.. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2010 RANG, H.P. et al. Farmacologia . 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. SCHELLACK, G. Farmacologia na prática clinica da área da saúde . São Paulo: Ed. undamental, 2006	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: CLAYTON; STOCK;COOPER. Farmacologia na prática de enfermagem . 15ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. FONSECA, Almir Lourenço. Interações Medicamentosas . 3ºed. Rio de Janeiro: EPUB, 2000. KATZUNG, Bertram G.. Farmacologia: básica e clinica .Porto Alegre: Mc Graw Hill; Artmed, 2010.	

4º PERÍODO	
DISCIPLINA: BASES TÉCNICAS APLICADAS DA ENFERMAGEM	CH:90
EMENTA: Procedimentos e técnicas básicas de enfermagem. Medidas de controle de infecção. Enfermagem na assistência das necessidades fisiológicas, psicosociais e espirituais. Assistência de Enfermagem a pacientes graves e terminais. Cuidados com o corpo pós-morte.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: GALANTE, Fátima Ap. B. Alves; COSTA, M ^a Teresinha Ferreira; ROSA, Solange Cristina Denzin. Procedimentos Básicos em Enfermagem . 4 ^a Ed. Campinas: Ed. Komechi, 2010 NETTINA, S. M. Prática de Enfermagem . 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. POSSO, Maria B. S. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem . São Paulo: Atheneu, 2003 SMELTZER, C. S. et al. Brunner&Suddarth:Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2009. SWEARINGEN, Pamela L.; HOWARD, Cheri A. Atlas Fotográfico de Procedimentos de Enfermagem . 3 ^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2001	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: GIOVANI, A. M. M. Enfermagem: cálculo e administração de medicamentos . 10. ed. São Paulo: Atheneu, 2006. TAYLOR, C.; LILLIS, C.; LE MONE, P. Fundamentos de Enfermagem: a arte e a ciência do cuidado de enfermagem . 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. TIMBY, B. K. Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem . 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.	

4º PERÍODO	
DISCIPLINA: PATOLOGIA	CH:60
EMENTA: Terminologias. Causas de lesões celulares e de doenças. Processos patológicos infiltrativos e degenerativos. Necrose e morte somática. Alterações circulatórias. Edemas. Fisiopatologia do choque. Inflamação.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: ABBAS, A.K.; KUMAR, V.; FAUSTO, N.; MITCHELL, R.N. Robbins Patologia Básica 8a ed. São Paulo: Elsevier, 2008. BRASILEIRO FILHO, G. Bogliolo - Patologia Geral . 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. CANGUILHEM, George. O normal e o patológico . 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. KUMAR, V., FAUSTO, N. Robbins e Cotran - Patologia - Bases Patológicas . 8ed. São Paulo: Elsevier, 2010. .MONTENEGRO, M.R; FRANCO, M. Patologia: Processos Gerais . 4ed. São Paulo: Atheneu, 2003.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: ANTCZAK, S. E.; BERGER, N.; CONROY, W. T. et al. Fisiopatologia Básica . Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2005. BRUM, A. K. R. Fisiopatologia Básica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.. GOLDMAN, L.; AUSIELLO, D. Cecil .Tratado de Medicina Interna . 22ed. São Paulo: Elsevier, 2 vol., 2009	

5º PERÍODO	
DISCIPLINA: LINGUA INGLESA INSTRUMENTAL	CH:60
EMENTA: Estratégias de leitura. Estudo de estruturas básicas da língua inglesa. Compreensão de textos preferencialmente na área da saúde.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: COSTA, Gisele Cilli da; MELLO, Leonilde Favoreto de; ABSY, Conceição A. Leitura Em Língua Inglesa –Uma Abordagem Instrumental - 2ª Ed. 2010 Editora Disal. DAVIES, Ben Parry. Inglês em 50 aulas: o guia definitivo para você aprender inglês . Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. GRICE, Tony. Oxford English for careers: nursing . Oxford University Press: 2011. GUANDALINI, Eiter Otávio. Técnicas de Leitura em Inglês - Estágio 1, Editora: Textonovo. MARTINEZ, Pierre. Didática de Línguas Estrangeiras . São Paulo: Parábola Editorial, 2009.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: Minidicionário Oxford - Português / Inglês - Inglês / Português - 3ª Ed. 2012 MARTINEZ, Pierre. Didática de Línguas Estrangeiras . São Paulo: Parábola Editorial, 2009. OLIVEIRA, Luciano Amaral. Aula de inglês: do planejamento à avaliação . São Paulo: Parábola Editorial, 2015.	

5º PERÍODO	
DISCIPLINA: NUTRIÇÃO	CH: 60
EMENTA: Considerações gerais sobre nutrição, nutrientes e energéticos. Vitaminas e sais minerais. Grupos de alimentos. Nutrição em adultos, gestantes nutrizes. Nutrição em lactentes, crianças, adolescentes e idosos. Obesidade. Má nutrição. Nutrição em cirurgia. Nutrição parenteral. Soluções isotônicas e hipertônicas. Equilíbrio ácido base. Fundamentos da dieta normal e distúrbios alimentares.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: CUPPARI, L. Guia de Nutrição: nutrição clínica no adulto . Barueri - SP: Manole, 2005. EVANGELISTA, José. Alimentos: um estudo abrangente . São Paulo: Atheneu, 2000. FARREL, M. L., NICOTERI, J. A. L. Nutrição em Enfermagem: fundamentos para uma dieta adequada . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. MELLO, Flávia. Nutrição Aplicada à Enfermagem . Goiânia: AB, 2005. MURTA, Genilda Ferreira (org.). Saberes e Práticas: guia para ensino e aprendizado de enfermagem . Vol. 4. 6ª ed. Sao Caetano do Sul, SP: Difusão editora, 2010.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: ORDOÑEZ, Juan A. Tecnologia de Alimentos – componentes dos alimentos e processos. Vol1. Porto Alegre: Artmed, 2005 WAITZBERG, D. L. Nutrição Oral, Enteral e Parenteral na Prática Clínica . 3 ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2004. SHILS, M. E. et al. Nutrição Moderna na Saúde e na Doença . 10 ed. São Paulo: Manole, 2009	

5º PERÍODO	
DISCIPLINA: TERAPIAS NATURAIS	CH: 60
EMENTA: Fornecer conhecimentos que alicersem a prática do profissional da saúde, numa visão holística. Alimentação. Crânio-acupuntura. Massagem. Relaxamento. Equilíbrio dos chakras. Cromoterapia. Radiestesia. Ventosoterapia. Meditação.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: AUTEROCHE, B. NALAILH. O diagnóstico na medicina chinesa . Ed. Andrei Ltda: São Paulo. FERRO,DEGMAR. Fototerapia:conceitosclínicos .editora atheneu,2006 MACIOCIA,GIOVANNI. Diagnostico na medicina chinesa:um guia geral .editora Roca,2005 SANTOS,JOSEFRANCISCO. Auriculoterapia e cincoelementos .editora Ícone,2002 .TIANCHONGHUO. Tratado de medicina chinesa .editora Roca,1993e vísceras da medicinatradicionalchinesa.editora roca,1994	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: FILHO,ARIOVALDORIBEIRO. Repertorio de homeopatia .editora Organon,2005 SCHEFFER,MECHTHILD. Terapia floral do DR BACH:teoriaepratica .,editora pensamento,2002 WEBER,MONIKA. Homeopatia para crianças como reconhecer e tratardistúrbios de saúde .editora cultrix,2004	

5º PERÍODO	
DISCIPLINA: ENFERMAGEM NO TRABALHO	CH:60
EMENTA: O saber /trabalho em saúde e a prática/fazer do trabalhador. Normas regulamentadoras e a Organização Trabalhista. Programa Nacional de Saúde do Trabalhador. Riscos e Doenças Ocupacionais. Os acidentes de trabalho, notificações e implicações legais. Ações de Vigilância Sanitária e Epidemiológica na Saúde do Trabalhador. Atuação do enfermeiro na promoção da saúde, prevenção e controle de acidentes e doenças laborais, cuidados de enfermagem no tratamento e reabilitação dos trabalhadores.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: LUCAS, Alexandre J. Processo de enfermagem do trabalho . São Paulo: Pátria, 2004. MENDES, R. Patologia do trabalho . vol.1. Cap. 1, 2, 3, 4 e 17 ,São Paulo, Atheneu, 2003. BRASIL.Ministério da Saúde, Saúde, Série A. Normas e Manuais Técnicos ; n. 114. Brasília: OPS, 2001. BRASIL.Ministério da Saúde, Trabalho e Emprego , Previdência Social, 3ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador. Série D. Reuniões e Conferências; Brasília, 2005. BRASIL.Ministério da Saúde. Legislação em Saúde do Trabalhador . 2ª edição. Brasília: 2005.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: BRASIL.Ministério da Saúde. Diagnóstico, Tratamento, Prevenção das LER/DORT . 1ª edição. Brasília: 2005. HAAG GS, LOPES MJ, SCHUCK JS. A enfermagem e a saúde dos trabalhadores . Goiânia: A B Editora. 2ª ed, 2001. FERREIRA JUNIOR M. Saúde no trabalho: temas básicos para o profissional que cuida da saúde dos trabalhadores . São Paulo: Roca, 2000	

5º PERÍODO	
DISCIPLINA:SAÚDE MENTAL	CH:60
EMENTA:	
<p>Conceito de saúde mental e doença mental. Políticas de saúde mental. Historia e evolução da assistência em saúde mental e psiquiátrica no Brasil. Assistência de Enfermagem ao ser humano nas fases do desenvolvimento biopsicossocial. A comunicação do enfermeiro nos aspectos: intrapessoal, interpessoal, grupal e de massa. Relacionamento enfermeiro e cliente. Abordagem de estudos, observações e orientações voltadas ao individuo e sua família em todos os níveis de atenção. Exercícios práticos de dinâmicas de grupo e de relações humanas.</p>	
REFERÊNCIAS BÁSICAS:	
<p>FARAH, O. G. F; SÁ A. C. Psicologia aplicada à enfermagem. Série enfermagem. São Paulo: Manole. 2008..</p> <p>ISAACS, Ann, RN, CS, MSN. Saúde Mental e Enfermagem Psiquiátrica. 2ª Ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 1998.</p> <p>RODRIGUES, A. R. F. Enfermagem Psiquiátrica/ Saúde Mental: prevenção e intervenção. São Paulo: EPU, 1996.</p> <p>SADOCK, Benjamin James. Compendio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artmed, 2007.</p> <p>STUART, Gail W. & LARAIA, Michele T. Enfermagem Psiquiátrica. 4ª edição. Reichmann& Affonso Editores. Rio de Janeiro. 2002.</p>	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
<p>DALLY, P; HARRINGTON, H. Psicologia e psiquiatria na enfermagem. São Paulo: EPU. 1978.</p> <p>DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 2ª Ed. Artmed. Porto Alegre, 2008.</p> <p>DSM-IV-TR – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre. ARTMED.2002</p>	

5º PERÍODO	
DISCIPLINA:EPIDEMIOLOGIA	CH:90
EMENTA: Conceitos e usos da epidemiologia. Medidas de frequência das doenças, morbidade e mortalidade. Métodos de estudo dos agravos à saúde da população. Enfoque de risco, grupos e fatores. Epidemiologia das doenças infecciosas e das não infecciosas. Epidemiologia e controle das endemias de transmissão vertical. Vigilância epidemiológica; sistemas de informação. Estudo epidemiológico da região.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: FIGUEIREDO,NÉBIA M. ALMEIDA DE. Ensinando a Cuidar em Saúde Pública. - São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2005. JEKEL, James. Epidemiologia, Bioestatística e Medicina Preventiva. 2º ed. Porto Alegre, 2005. MEDRONHO, R. (org.). Epidemiologia. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2009 PEREIRA, M.G. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. ROUQUAYROL, M. Z.; FILHO, N. A. Epidemiologia & Saúde. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2003.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: BRASIL. Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde. Guia de Vigilância Epidemiológica. Brasília.2002.. FLETCHER, Roberto H; FLETCHER, Suzanne W. Epidemiologia Clínica: elementos essenciais. 4º ed. Porto Alegre. ARTMED,2006. MEDRONHO, R. (org.). Epidemiologia: Caderno de exercícios. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Atheneu,2009.	

6º PERÍODO	
DISCIPLINA: INFECTOLOGIA	CH:60
<p>EMENTA: As doenças infecciosas no contexto socioeconômico e sanitário do país. As doenças transmissíveis de significado no Brasil e no Maranhão. Políticas de saúde voltadas para o controle das doenças infecciosas e/ou transmissíveis. PCIH. Medidas de prevenção, proteção, controle, bloqueios, acompanhamento de tratamento e reabilitação do cliente e família.</p>	
<p>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Glossário temático: DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.</p> <p>SOUZA, M. Assistência de Enfermagem em Infectologia. São Paulo. Atheneu, 2004.</p> <p>ROCHA, Manoel Otávio da Costa e cols. Fundamentos em Infectologia. Rio de Janeiro. Rubio, 2009</p> <p>SPARKS, Sheila M. TAYLOR, Cynthia M. DYER, Janyce G. Diagnósticos de Enfermagem. Reichmann & Affonso Editores, Rio de Janeiro, 2000.</p> <p>VERONESI; FOCACCIA et al. Tratado de infectologia. 3º ed. Vol. I e II. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2005</p>	
<p>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:</p> <p>BRASIL. Guia de Vigilância Epidemiológica. 5º ed. Vol I e II. Fundação Nacional de Saúde. Brasília, 2002.</p> <p>BRUNNER & SUDDARTH. Tratado de Enfermagem Médico cirúrgico. 9º ed. Vol. I e II. Ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2000.</p> <p>SPARKS, Sheila M. TAYLOR, Cynthia M. DYER, Janyce G. Diagnósticos de Enfermagem. Reichmann & Affonso Editores, Rio de Janeiro, 2000.</p>	

6º PERÍODO	
DISCIPLINA: PSQUIATRIA NA ENFERMAGEM	CH:60
<p>A organização da assistência psiquiátrica no Brasil. A participação do enfermeiro no tratamento de indivíduos que vivenciam experiências de sofrimento psíquico. Emergências psiquiátricas. Dependências. Principais patologias, quadro clínico, psicofarmacologia e exames psiquiátricos. Sistematização da assistência de enfermagem ao cliente com transtornos mentais. Práticas junto às instituições de saúde.</p>	
REFERÊNCIAS BÁSICAS:	
<p>JTOWNSEND, Mary C. Enfermagem psiquiátrica: conceitos de cuidados. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.</p> <p>KAPLAN, H. I. & SADDOCK, B. J. Compêndio de psiquiatria, ciências comportamentais e psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002</p> <p>LEONI, M. G. Autoconhecimento do enfermeiro na relação terapêutica. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2000.</p> <p>SADDOCK, Benjamin J.; SADDOCK, Virgínia A.; RUIZ, Pedro. Kaplan & Saddock: Compêndio de Psiquiatria – Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.</p> <p>STEFANELLI, Maguida Costa et al. Enfermagem psiquiátrica: em suas dimensões assistenciais. Barueri: Manole, 2011. .</p>	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
<p>FOUCAULT, Michel. História da loucura na Idade Clássica. Trad. José Teixeira Coelho Neto (1961). 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.</p> <p>MASCARENHAS, Andrea. Hospício de Dementes de Campinas: Uma iniciativa filantrópica de atendimento psiquiátrico (1890 -1930). (Dissertação de Mestrado. Orientação: Prof. Dr. José Roberto do Amaral Lapa -Unicamp, Financiamento Fapesp - julho 1999).</p> <p>ROCHA, Ruth Mylius. Enfermagem em Saúde Mental. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac, 2010.</p>	

6º PERÍODO	
DISCIPLINA: SAÚDE COLETIVA	CH:90
EMENTA: Políticas de Saúde no Brasil e os Modelos Assistenciais. A Saúde sob o enfoque cultural, socioeconômico e político. A evolução e o campo da saúde coletiva na organização da atenção a saúde. Os programas de saúde oferecidos à população. Estratégias de promoção da saúde. Problemas de saúde individuais e coletivos processo de determinação social da doença e as necessidades básicas da população nos serviços de atenção primária. Sistematização da Assistência de Enfermagem em Saúde Coletiva. O enfermeiro como educador em saúde: educação política e o processo de mudança social	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: BRASIL. Ministério da Saúde. Atualização para atenção básica: diabetes mellitus e hipertensão arterial - casos clínicos . Brasília: Ministério da Saúde, 2001. COHN, Amelia. Saúde no Brasil: políticas e organização de serviços . São Paulo: Cortez, 2003. FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de et al.; Ensinando a cuidar em saúde pública . São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2005. MURTA, G.F. e org. Saberes e práticas: guia para o ensino e aprendizado em enfermagem . 6ª Ed, volume 4. São Caetano do sul: Difusão editora, 2010. ROCHA, Aristides Almeida. Saúde Pública Bases Conceituais . São Paulo: Atheneu, 2008.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: BRASIL. Guia de Vigilância Epidemiológica . 5º ed. Vol I e II. Fundação Nacional de Saúde. Brasília, 2002. SOUZA, M.H.S.; SCILIAR, M.; PAMPLONA, M.A.; RIOS, M.A.T. Saúde Pública: História, Políticas e Revoltas . São Paulo: Scipione, 2002. Site: Manuais do Ministério da Saúde - adquirido em biblioteca virtual disponível em: www.saude.gov.br/editora/produtos/livros	

6º PERÍODO	
DISCIPLINA: SAÚDE DA FAMÍLIA	CH:90
EMENTA: Revalorização e objetivo da atenção básica. Funcionamento das unidades da ESF: Atribuições, implantação, diretrizes, estudos dos subprogramas e fontes de orçamento. Legislação de apoio. Sistemas de informações. Capacitação das equipes. Diagnóstico de área. Planejamento e avaliação das ações. Visita domiciliar na ESF e aspectos éticos legais. Prontuário da família.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: BRASIL.Ministério da Saúde. Manual de Enfermagem – PSF. Brasília 2001 WRIGHT, L.M.; LEAHEY, M. Enfermeiras e família – um guia para a avaliação e intervenção na família . São Paulo, Roca, 2002. Mc GOLDRICK, M. GERSON, R. As mudanças no ciclo de vida familiar . OSORIO,L.C. Família hoje . Porto Alegre, Artes Médicas, 1996. Manuais do Ministério da Saúde - adquirido em biblioteca virtual disponível em: www.saude.gov.br/editora/produtos/livros	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: BRASIL. Ministério da Saúde. Guia Prático do programa de Saúde da Família . 2001. BROUGET, Monique M.M. Programa de Saúde da Família: Manual do curso . BROUGET, Monique M.M. Programa de Saúde da Família: Guia para o planejamento local . Coleção o cotidiano do PSF. Martinari. Florianópolis-SC.2005	

6º PERÍODO	
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO EM SAÚDE	CH:60
EMENTA:	
<p>A ação pedagógica na área de saúde: análise de concepções sócio educacionais. Formas de planejar, avaliar e executar atividades em ambientes sociais. Educação em saúde, promoção da saúde, informação e comunicação. Trabalho coletivo em saúde, educação popular e método participativo. Técnicas e recursos utilizados pela educação em saúde. Práticas de intervenção nas comunidades</p>	
REFERÊNCIAS BÁSICAS:	
<p>FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.</p> <p>MORENO, Leda Virginia Alves (Org.). O sujeito na educação e saúde: desafios na contemporaneidade. São Paulo: Loyola, 2007</p> <p>MORELLI, M. R. Resíduos sólidos: problema ou oportunidade? São Paulo: Interciencia. 2009.</p> <p>PEREIRA, William Cesar Castilho. Dinâmica de grupos populares. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.</p> <p>SILVA, Gilberto Tadeu Reis da; Espósito, Vitória Helena Cunha (Org.). Educação e Saúde: cenários de Pesquisa e Intervenção. 1. ed. São Paulo: Martinari, 2011</p>	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
<p>MASETTO, Marcos Tarciso. Didática: a aula como centro. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.</p> <p>PESSOA, Enildo. A escola e a libertação humana. Petrópolis: Vozes, 1997.</p> <p>BAGNATO, Maria Helena Salgado. Educação, saúde e trabalho: antigos problemas, novos contextos, outros olhares. Campinas: Alínea, 1999.</p>	

7º PERÍODO	
DISCIPLINA: SAÚDE DA MULHER	CH:60
EMENTA: Condição feminina e categoria de gênero. Estudo dos subprogramas de Planejamento Familiar, controle do câncer ginecológico, Doenças Sexualmente Transmissíveis e climatério oferecido pela Rede Básica de Saúde. Assistência de enfermagem á mulher no contexto biopsicossocial. Mortalidade e morbidade da mulher.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: BEREK, Jonathan S. BereK e Novak Tratado de Ginecologia . 14º ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2008. CARVALHO, Geraldo Mota. Enfermagem em Ginecologia . 1ªed. rev. e ampl. São Paulo: ed. EPU, 2004. CARVALHO, Geraldo Mota. Enfermagem em Obstetrícia . rev. e ampl. São Paulo: ed. EPU, 2002. FREITAS, Fernando et al. Rotinas em Obstetrícia . 6º ed. Porto Alegre. Artmed, 2011. KATHRYN A. Melson [et al] Enfermagem Materno Infantil Plano de Cuidados . [tradução da 3ªedição original] de Carlos Henrique Cosendy; revisão técnica de Maria Isabel Sampaio Carmagnoni. Rio de Janeiro. Reichmann& Affonso. 2002.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: BRANDEN, PennieSesler. Enfermagem Materno-infantil . 2ª ed. Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso Editores, 2000. CARVALHO, Marcos Renato; TAMEZ, Raque N. AMAMENTAÇÃO: bases científicas pra a prática profissional . Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2002. LOWDERMILK, DeitaLeonerd; PERRY, Shannon E.; BOBAK Irene M. et al. O cuidado em enfermagem Materna . 5ª ed. 2002.	

7º PERÍODO	
DISCIPLINA: URGÊNCIAS E EMERGÊNCIAS	CH:90
EMENTA: Estrutura e funcionamento de unidades destinadas ao tratamento de urgência e emergência. Assistência de enfermagem ao paciente com comprometimento das funções vitais: Respiração, circulação, eliminação, locomoção e hidratação. Unidade de Terapia Intensiva	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: KNOBEL, Elias. Condutas no paciente grave . Vol.1.Sao Paulo: Atheneu, 2006. HIGA, Elisa M. S., ATALLAH, Álvaro N. e colaboradores. Guia de Medicina de Urgência . 2ª Ed. Editora Unifesp-EPM. Baureri, SP: Monole, 2008. TALBOT, Laura. Avaliação em cuidados críticos . Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso, 2001. ZIPES, Douglas P..Braunwald Tratado de doenças cardiovasculares v.1. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010 ZIPES, Douglas P..Braunwald Tratado de doenças cardiovasculares v.2. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: BARBIERE, Renato L. S.O.S. Cuidados emergenciais . Editora Rideel. 1ª Edição, São Paulo, 2002 FIGUEIREDO, Nebia Maria Almeida de. Enfermagem: cuidando em emergência . São Paulo: Yendis, 2006. RATTON, Jose Luiz de Amorim. Rattton, Emergencias medicas e terapia intensiva . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.	

7º PERÍODO	
DISCIPLINA: ENFERMAGEM NA SAÚDE DA CRIANÇA E ADOLESCENTE	CH:90
EMENTA: Assistência de Enfermagem ao recém-nascido. Mortalidade e morbidade do recém-nascido. O recém-nascido normal e de termo. Crescimento e Desenvolvimento da criança. O primeiro ano de vida. A idade pré – escolar e a idade escolar. A Enfermagem e os diferentes níveis de assistência à saúde da criança. Prevenção da acidentes na infância. Doenças prevalentes da Infancia. Aspectos éticos no cuidar da criança.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: CARVALHO, Marcos Renato; Tamez, Raque N. AMAMENTAÇÃO: bases científicas para a prática profissional . Rio de Janeiro. Guanabara Koogan 2002. COLLET, Neuza; OLIVEIRA, Beatriz Rosana G. Manual de Enfermagem Pediátrica . Goiânia. AB Editora. 2002.. GAIVA, Maria Aparecida Munhoz; GOMES, Maria Magda Ferreira. Cuidando do Neonato: uma abordagem de enfermagem . Goiânia. AB Editora. 2003. MELSON, Kathryn, et al. Enfermagem Materno Infantil: Planos de Cuidados . 3.ed. Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso, 2002. PERRY, Deitra Leonard [et al] O cuidado em Enfermagem Materna . Porto Alegre – RS. ARTMED. 5ª edição. 2002.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: BRANDEN, P.S. Enfermagem Materno-infantil . 2ª ed. Rio de Janeiro: Reicheman& Affonso Editores. 2000. COLLET, Neusa; ROCHA, Semíramis M.M transformações no ensino das técnicas em enfermagem pediátrica . 2 ° edição. Goiânia. AB Editora, 2001. ENGEL, Joyce. Avaliação em Pediatria . Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso, 2002.	

7º PERÍODO	
DISCIPLINA: ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE	CH:60
EMENTA: A evolução do pensamento administrativo: teorias e funções da Administração. Modelos organizacionais das instituições de saúde e dos serviços de enfermagem. O enfermeiro e a administração da assistência de enfermagem. Liderança. Comunicação.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à Teoria Geral da Administração . 7ª ed. Rio de Janeiro: Campus. 2003. CHIAVENATO, Idalberto. Administração nos novos tempos . Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. CHIAVENATO, Idalberto. Administração de recursos humanos: fundamentos básicos . 5ª edição. Editora Atlas S.A São Paulo. 2006. MARQUIS, Bessie & HUSTON, Carol. Administração e Liderança em enfermagem: teoria e aplicação . 4ª edição. Ed. Artmed. Porto Alegre, 2005. MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. Introdução a administração . Sao Paulo: Atlas, 2007.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: LONDONÕ, Malagon; MOREIRA, Galan; LAVERDE, Ponton. Administração Hospitalar . 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. FONTINELE JUNIOR, K. Administração Hospitalar , Goiânia; AB editora, 2002. MOTTA, Ana . Auditoria de enfermagem nos hospitais e operadoras de planos de saúde . 1ª edição. Ed. Iátria. São Paulo. 2003.	

8º PERÍODO	
DISCIPLINA: SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO	CH:120
EMENTA:	
Assistência de enfermagem na higiene, conforto e mecânica corporal do cliente. Assistência de Enfermagem nas alterações orgânicas. Assistência de enfermagem na terapêutica, na oxigenação, na nutrição, na hidratação, na regulação cardiovascular, na regulação hormonal, nas eliminações fisiológicas do cliente. Assistência de enfermagem sistematizada a clientes internados em unidades de clínica médica. Assistência de Enfermagem a pacientes com afecções agudas e crônicas de média e alta complexidade.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS:	
BRUNNER, L. S.; SUDDARTH, D. S. Tratado de Enfermagem Médico-cirúrgica . 13ª ed. Vol1,2,. Editora Interamericana. Rio de Janeiro, 2016.	
FISCHBACH, Francês. Manual de Enfermagem. Exames Laboratoriais para Diagnóstico . 6ª Edição. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2002.	
MARIA, Vera Lucia Regina. Exame clínico de enfermagem do adulto: focos de atenção psicobiológicos como subsídios para diagnósticos de enfermagem . Sao Paulo: Iatria, 2003.	
NANDA INTERNACIONAL. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda - Definições e Classificação 2015/2017 . Editora Artmed	
OLIVEIRA, João Batista. Exames Laboratoriais para o Clínico . MEDSI. Rio de Janeiro, 2003.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
ASS, NortAmericNursingDiag. Diagnóstico de Enfermagem da NANDA: Definição e Classificação 2007-2008 . Editora: Artmed, 2008.	
DOENGES, Marilyn E et al. Planos de Cuidados de Enfermagem. Orientações para o cuidado individualizado do paciente . 5ª Edição, Guanabara Koogan, 2003.	
OLIVEIRA, Raimundo A. G. Hemograma: Como fazer e Interpretar . Editora Livraria médica Paulista, São Paulo 2007.	

8º PERÍODO

DISCIPLINA: PROJETO DE PESQUISA EM SAÚDE

CH:60

EMENTA:

A natureza da Ciência e da pesquisa científica. Modelos teóricos da pesquisa social: positivismo, fenomenologia, materialismo histórico. Elaboração de projeto de pesquisa: etapas essenciais. Organização, análise, interpretação de dados e montagem do relatório de pesquisa. A questão ética da pesquisa.

REFERÊNCIAS BÁSICAS:

BARROS, Aidil. Jesus. Paes.; LEHFELD, Neide, Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2003

BOOTH, W. C; COLOMBO. G.G.; WILLIAMS, J.M. – **A Arte da Pesquisa**. Ed. Martins Fontes. São Paulo.2000

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisas**. São Paulo: Ed. Atlas. 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2006

RUDIO, Franz Vitor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2003

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

GAUTHIER, **Pesquisa em Enfermagem: Novas Metodologias Aplicadas**, Riode Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Ed. Atlas. São Paulo.1991

PÁDUA, Elisabete Matollo Marchesini **Metodologia da pesquisa abordagem teóricoprática**. 9 ed. Campinas: Papyrus, 200.



8º PERÍODO	
DISCIPLINA: PERIOPERATORIO	CH:120
EMENTA: Humanização da assistência de enfermagem no pré, trans e pós-operatório. Princípios de esterilização e assepsia pré-operatória. Estrutura, organização e gerenciamento do Centro Cirúrgico e Central de Material Esterilizado.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: BOUNDY, Janice. Et al. Enfermagem Médico-Cirúrgico ; 3ª edição. Reichmann& Affonso editores. Rio de Janeiro. 2004. BRUNNER, L. S.; SUDDARTH, D. S. Tratado de Enfermagem Médico-cirúrgica . 13ª ed. Vol1,2,. Editora Interamericana. Rio de Janeiro, 2016 SANTOS, Cristina M. Centro Cirúrgico e os Cuidados de Enfermagem . 4ª Ed. Revisada. Editora Iátria, São Paulo, 2008. SANTOS, Nívea Cristina Moreira. Enfermagem na Prevenção e Controle da Infecção Hospitalar . 1ª Edição. Iatria, 2003. TALBOT. Laura, MEYERS-MARQUARDT. Mary. Avaliação em Cuidados Críticos . 3ª edição. Reichmann& Affonso editores. Rio de Janeiro. 2001.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: POSSARI, João Francisco. Centro de Material e Esterilização: Planejamento e Gestão . 3ª Ed. Editora Iátria, São Paulo, 2009. ROTHROCK, Jane C. Et al. Cuidados de enfermagem ao paciente cirúrgico , 13ª ed. Editora Elsevier, Rio de Janeiro, 2007 SANTOS, Sandra S. C. LUIS, Margarida A. V. A Relação da Enfermagem com o Paciente Cirúrgico . 2ª ed. Goiânia: AB, 2002.	

8º PERÍODO	
DISCIPLINA: OBSTETRICIA	CH:60
EMENTA:	
Assistência pré-natal. Gravidez de baixo e alto risco. Assistência de enfermagem no parto, puerpério e urgências obstétricas. Patologias na gravidez. Aleitamento materno	
REFERÊNCIAS BÁSICAS:	
BRUNNER, L. S.; SUDDARTH, D. S.; SMELTZER, S. C. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 2 v.	
NOVAK, J. S.; BEREK, J. S. Tratado de ginecologia . 15.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. 1 recurso online	
REZENDE, J. de; MONTENEGRO, C. A. B.. Obstetrícia fundamental . 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.	
ZIEGEL, E. E. Enfermagem obstétrica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.	
FREITAS, F. et al. Rotinas em obstetrícia . 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
CIANCIARULLO, T. I; GUALDA, D. M. R.; MELLEIRO, M. M. Indicadores de qualidade: uma abordagem perinatal . São Paulo, SP: Icone, 1998.	
CORRÊA, M. D. Noções práticas de obstetrícia . 12.ed. Rio de Janeiro: Médica e Científica, 1999.	
MALDONADO, M. T. P. Psicologia da gravidez: parto e puerpério . 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.	

9º PERÍODO	
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SERVIÇOS DE ATENÇÃO PRIMÁRIA	CH:450
<p>EMENTA: Desenvolvimento de atividades envolvendo as funções próprias do enfermeiro (assistenciais, administrativas, educativas e investigativas tanto na rede ambulatorial de saúde como no campo da saúde coletiva, em programas de saúde pública, programas sociais de educação), mediante as ações básicas de saúde com enfoque na saúde do indivíduo e da família dirigidas às pessoas em situações de saúde –doença, nas diversas fases do ciclo da vida respeitando o contexto sócio – político, cultural e epidemiológico, Valorização da sistematização do trabalho com base na metodologia do processo de enfermagem.</p>	
<p>REFERÊNCIAS BÁSICAS:</p> <p>CARVALHO, Geraldo Mota. Enfermagem em Ginecologia. 1ªed. rev. e ampl. São Paulo: ed. EPU, 2004.</p> <p>CARVALHO, Geraldo Mota. Enfermagem em Obstetrícia. rev. e ampl. São Paulo: ed. EPU, 2002</p> <p>KAWAMOTO, Emilia, Emi; FLORIO, Arlete; SOUZA, Ana Lucia Teles de Moura. O neonato, a criança e o Adolescente. São Paulo. EPU. 2001</p> <p>REZENDE, Jorge. Obstetrícia. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.</p> <p>ROACH, Sally. Introdução à Enfermagem Gerontológica: alterações fisiológicas do idoso. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.</p>	
<p>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:</p> <p>CHIAVENATO, Idalberto. Administração de Recursos Humano: fundamentos básicos. 6ª ed. Altas. São Paulo, 2006.</p> <p>COLLET, Neuza; OLIVEIRA, Beatriz Rosana G. Manual de Enfermagem Pediátrica. Goiânia. AB Editora. 2002..</p> <p>Lista de manuais do Ministério da Saúde, adquiridos em biblioteca virtual: www.saude.gov.br/editora/produtos/livros</p>	

10º PERÍODO	
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SERVIÇOS DE ATENÇÃO SECUNDÁRIA (ALTA COMPLEXIDADE)	CH: 450
EMENTA: Atividades práticas em Enfermagem hospitalar – Planejamento, execução e avaliação da assistência de enfermagem requerida pelo indivíduo e/ou grupo familiar, a nível hospitalar, aplicando os conhecimentos teórico-práticos e interrelacionando-os a fatores físicos, psíquicos, ambientais e sócio-culturais. Elaboração e implantação de um plano de trabalho sob a orientação de um docente e com a supervisão de um profissional enfermeiro.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: CARVALHO, G. M. Enfermagem em Ginecologia . 1. ed. rev. São Paulo: ed. EPU, 2004. FONTINELE JUNIOR, K. Administração Hospitalar . Goiânia: AB Editora, 2002. KNOBEL, E. Condutas no Paciente Grave . 2. ed. v 1 e 2. Rio de Janeiro: Atheneu, 2006. NANDA INTERNACIONAL. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda - Definições e Classificação 2009/2011 . Editora Artmed ROACH, S. Introdução à Enfermagem Gerontológica: alterações fisiológicas do idoso . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: KENNER, C. Enfermagem Neonatal . 2. ed. Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso, 2001. MOTTA, A. Auditoria de enfermagem no processo de credenciamento . São Paulo: Iátria, 2003. SPARKS, S.M.; TAYLOR, C. M., DYER J. G. Diagnóstico em Enfermagem . Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso, 2000.	

DISCIPLINA DE NÚCLEO LIVRE	
DISCIPLINA: LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE EXAMES LABORATORIAIS	CH:60
EMENTA: Exames de bioquímica sanguínea. Exames hematológicos. Testes imunológicos, culturas e outros exames.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: FERREIRA, A. Walter. Diagnostico laboratorial: avaliação de metodos de diagnostico das principais doenças infecciosas e parasitarias e auto-imunes - correlação clinico-laboratorial. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2001 FISCHBACH, Frances. Manual de enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. LIMA, Orcelia Pereira Sales Carvalho. Leitura e interpretação de exames em enfermagem. Goiania: AB, 2008 OLIVEIRA, João Batista Alves de. Exames laboratoriais para o clinico. Rio de Janeiro: Medsi, 2003. SCHIFFMAN, Fred J.. Fisiopatologia hematologica. Sao Paulo: Santos, 2004.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: LIMA, A. Oliveira. Métodos de laboratório aplicados a clinica: técnica e interpretação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. OLIVEIRA, Raimundo Antonio Gomes. Hemograma: como fazer e interpretar. Sao Paulo: LPM, 2007. TERRA, Paulo. Coagulação: interpretação clinica dos testes laboratoriais de rotina. São Paulo: Atheneu, 2004.	

DISCIPLINA DE NÚCLEO LIVRE	
DISCIPLINA: LÍNGUAS BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)	CH:60
EMENTA: . Introdução: aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. A Língua de Sinais Brasileira - Libras: características básicas da fonologia. Noções básicas de léxico, de morfologia e de sintaxe com apoio de recursos audio-visuais; Noções de variação. Praticar Libras: desenvolver a expressão visual-espacial.	
REFERÊNCIAS BÁSICAS: CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, V. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe – Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. (vol. I e II). São Paulo: EDUSP, 2001. CAPOVILLA, Fernando Cesar. Novo deit-libras v.1: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua brasileira de sinais, baseado em linguística e neurociências cognitivas. Sao Paulo: INEP, 2009 KOJIMA, Catarina Kiguti. LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais - a imagem do pensamento. Sao Paulo: Escala, s.d.. QUADROS, Ronice Muller de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. SKLIAR, Carlos. Surdez, A: Um olhar sobre as diferenças. Vol1 e 2. 4º ed. Moinhos de vento: Mediação. 2010.	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O Mundo do Surdo em Libras. São Paulo, SP: Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 2004 a. v.1. QUADROS, Ronice Muller de. Educação de Surdos – A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. QUADROS, Ronice Muller de.. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. 2004.	

DISCIPLINA DE NÚCLEO LIVRE	
DISCIPLINA: SUPORTE BÁSICO E AVANÇADO DE VIDA	CH:60
EMENTA:	
<p>Introdução aos primeiros socorros e suporte básico de vida. Medidas de biossegurança. Avaliação da gravidade da vítima e ações imediatas do socorristas nas situações de emergência/urgência. Reconhecimento e suporte básico de vida na parada respiratória e parada cardíaca. Preparação do socorrista para assistência em situações especiais. Atendimento ao politraumatizado. Assistência pré-hospitalar ao parto súbito. Resgate e transporte</p>	
REFERÊNCIAS BÁSICAS:	
<p>BORTOLOTTI, F. Manual do Socorrista. 3ª Ed. Porto Alegre: Expansão, 2012.</p> <p>OLIVEIRA, A. C.; SILVA, E. S.; MARTUCHI, S. D. Manual do socorrista. São Paulo: Martinari, 2013.</p> <p>SCAVONE, R. Atendimento Pré-hospitalar ao traumatizado, PHTLS/NAEMT. [TRADUÇÃO] 7ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.</p> <p>SMELTZER; S.C et al. Brunner&Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 4 2012.</p> <p>BRUNNER,L. S.; SUDDARTH, D. S. Tratado de Enfermagem Médico-cirúrgica. 13ª ed. Vol1,2,. Editora Interamericana. Rio de Janeiro, 2016.</p>	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
<p>AEHLERT, B. ACLS AdvancedCardiac Life Support::emergências em cardiologia suporte avançado de vida em cardiologia. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007</p> <p>CALIL, A.M;PARANHOS, W.Y. O enfermeiro e as situações de emergência. São Paulo:Atheneu, 2007</p> <p>SANTOS, N.C.M. Urgência e emergência para Enfermagem: do atendimento pré-hospitalar (APH) à sala de emergência. 4 ed. São Paulo:Iátria, 2008</p>	

DISCIPLINA DE NÚCLEO LIVRE	
DISCIPLINA: INFORMÁTICA EM SAÚDE	CH:60
EMENTA:	
<p>A importância da Informática para a área de saúde. Introdução ao uso do computador e ao uso de sistema operacional. Programação e uso de banco de dados para a análise da Informação em Saúde. Operacionalização, gestão e avaliação das informações em saúde; melhor utilização das informações como apoio ao processo gerencial e assistencial em saúde. Análise crítica do uso da Informática em Saúde no Brasil. Pesquisa em Rede..</p>	
REFERÊNCIAS BÁSICAS:	
<p>CATAPULT. Microsoft Excel 2000 passo a passo. São Paulo: Makron Books, 2000.</p> <p>CATAPULT. Microsoft Word 2000: passo a passo. São Paulo: Makron, 2000.</p> <p>GERTLER, Nat. Microsoft Power Point 2000 passo a passo. Editora Ciência Moderna, 1999.</p> <p>NORTON, Peter. Introdução à Informática. São Paulo: Makron Books, 2004.</p> <p>VELLOSO, Fernando de Castro. Informática: conceitos básicos. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.</p>	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
<p>MEYER, Marilyn; BABER, Roberta; PFAFFENBERGER, Bryan. Nosso futuro e o computador. Porto Alegre: Bookman, 2000.</p> <p>SAWAYA, M. R. Dicionário de informática e Internet: inglês/português. São Paulo: Nobel, 2005.</p> <p>NORTON, Peter. Introdução à Informática. São Paulo: Makron Books, 2015.</p>	

DISCIPLINA DE NÚCLEO LIVRE	
DISCIPLINA: ORTOPEdia E TRAUMATOLOGIA	CH:60
EMENTA:	
<p>Osteomielite e artrites agudas; Lesões neurológicas nas deformidades da coluna vertebral; Afecções do quadril das crianças; Afecções do quadril dos adultos; Tumores Ósseos. Traumatologia: Fraturas; Lesões traumáticas músculo – tendinosas. Anamnese e exame físico do paciente no Pronto Socorro. Interpretação de exames subsidiários ao diagnóstico. Procedimentos básicos do socorrista na traumatologia, planejamento de enfermagem no operatório para o tratamento das fraturas; Participação nos atos operatórios da emergência.</p>	
REFERÊNCIAS BÁSICAS:	
<p>HEBERT & XAVIER. Ortopedia e Traumatologia: princípios e prática. 4º ed. ArtMed, 2007.</p> <p>PORTER. Fisioterapia de Tidy. 13 ed. Elsevier, 2005.</p> <p>BARROS, T.F. Exame Físico em Ortopedia. Ed Savier, 2º Edição, São Paulo, 2001.</p> <p>MAKOFSKY, W. Howard. Coluna Vertebral: Terapia Manual. 1º Ed. Guanabara koogan, 2006,</p> <p>REIS, F. B. dos (Coord.). Fraturas. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2005.</p>	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
<p>GREENE, W. B. (Ed.). ortopedia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.</p> <p>.HOPPENFELD, S. Propedêutica ortopédica: coluna e extremidades. São Paulo: Atheneu, 2007.</p> <p>.NETTER, F. H. Atlas de anatomia humana. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. 5...</p>	

DISCIPLINA DE NÚCLEO LIVRE	
DISCIPLINA: GERIATRIA E GERONTOLOGIA	CH:60
EMENTA:	
<p>Características do envelhecimento humano. O idoso e a sociedade. O cliente idoso e o processo saúde-doença. Promoção, prevenção, recuperação e reabilitação de problemas comuns na terceira idade. Saúde mental do idoso</p>	
REFERÊNCIAS BÁSICAS:	
<p>M.D. JR, Edmund H Duthie; M. D., KATZ, Paul R. Geriatría Prática. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.</p> <p>BARBOSA, A.L.R. Avaliação da qualidade de vida de pessoas idosas. Itajubá-MG, 2013</p> <p>ELIOPOULOS, C. Enfermagem gerontológica. 5.ed. Porto Alegre: ArtMed, 2005.</p> <p>LUECKENOTTE, A. G. Avaliação em gerontologia. 3.ed. Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso Editores, 2002.</p> <p>NUNES, M. I. Enfermagem em geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. 1 recurso online</p>	
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:	
<p>BRUNNER, L. S.; SUDDARTH, D. S. Tratado de Enfermagem Médico-cirúrgica. 13ª ed. Vol1,2,. Editora Interamericana. Rio de Janeiro, 2016.</p> <p>MARIA, Vera Lucia Regina. Exame clínico de enfermagem do adulto: focos de atenção psicobiológicos como subsídios para diagnósticos de enfermagem. Sao Paulo: Iatria, 2003.</p> <p>SANTIN, J. R.; LEGUISAMO, C. P.; BETTINELLI, L. A. (Org.). Bioética e envelhecimento humano: interfaces. Passo Fundo: Berthier, 2014.</p>	

5.5 Estágio curricular supervisionado

O Estágio curricular supervisionado é uma atividade fundamental na formação acadêmica dos alunos, uma vez que objetiva a aquisição de novos conhecimentos e futuras oportunidades no mercado de trabalho, bem como ampliar a visão dos acadêmicos acerca da profissão de enfermagem, sob supervisão docente, com efetiva participação dos enfermeiros dos serviços de saúde. A carga horária mínima do estágio supervisionado deve contemplar 20% da carga horária total do curso de graduação. No caso do Curso de Enfermagem-CESBA os estágios serão realizados em Instituições de Saúde e afins conveniadas com a UEMA.

O Estágio Curricular Supervisionado da UEMA, tem amparo legal na legislação abaixo:

- Lei Federal nº 11.788, de 25 de setembro de 2008- dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências;
- Resolução CNE/ CES nº 3, de 07 de novembro de 2001- institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem;
- Resolução COFEN nº 441/2013, de 15 de maio de 2013 – dispõe sobre a participação do enfermeiro na supervisão de atividade prática e estágio supervisionado de estudantes de enfermagem;
- Resolução nº 1045/ 2012 – CEPE/ UEMA. De 19 de dezembro de 2012- dispõe sobre Normas Gerais do Ensino de Graduação da UEMA;

O Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem prevê a realização de estágio em duas modalidades o estágio obrigatório e o não obrigatório. O objetivo dessas modalidades de estágio é viabilizar ao aluno o aprimoramento técnico-científico na sua formação profissional, mediante a análise e a solução de problemas concretos em condições reais de trabalho, por intermédio de situações relacionadas à natureza e especificidade do Curso e da aplicação dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos nas diversas disciplinas previstas no PPC. O Estágio obrigatório, para modalidade bacharelado, serão cumpridas nos dois últimos semestres do curso, com carga horária de 900hs. conforme Resolução nº 1045/ 2012 – CEPE / UEMA de 19 de dezembro de 2012, TÍTULO II, SEÇÃO II, Páginas 18, 19,20.

As atribuições dos diversos segmentos (Direção de Curso, Divisão de Estágio e Monitoria – DEM, Supervisão de estágio em enfermagem, Preceptoria do estágio), e as do estagiário do Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado, estão contidas no Guia de

Estágio e Monitoria elaborado pela Pró- Reitoria de graduação, DEM no ano 2015, embasado na Resolução nº 1045/2012 – CONSUN/ UEMA.

O Estágio Curricular do Curso de Enfermagem do CESBA/UEMA realizar-se-á em consonância com o Art. 21 das Normas de Ensino de Graduação, segundo o qual:

”As coordenações de estágio elaborarão normas específicas a serem aprovadas pelo colegiado de Curso, que atendam à necessidade de cada graduação para o desenvolvimento do estágio, respeitando o que dispõem a legislação em vigor e estas Normas na forma prevista no artigo 14”.

DISCIPLINAS DO ESTÁGIO CURRICULAR
9º PERÍODO
Estágio Curricular Supervisionado em Saúde Coletiva
Estágio Curricular Supervisionado em Saúde da Família
Estágio Curricular Supervisionado em Saúde Mental e Psiquiátrica
10º PERÍODO
Estágio Curricular Supervisionado em Saúde da Mulher e do Recém Nascido
Estágio Curricular Supervisionado na Saúde da Criança e do Adolescente
Estágio Curricular Supervisionado na Saúde do Adulto e do Idoso
Estágio Curricular Supervisionado em Perioperatória
Estágio Curricular Supervisionado em Administração Hospitalar

A avaliação de desempenho do estagiário transcorre no período de todo o estágio de forma gradativa e contínua, sob a orientação do preceptor, por meio de instrumentos avaliativos: Ficha de controle das atividades dos estagiários, Ficha de avaliação discente no estágio, Ficha de avaliação do estudo de caso, Ficha de avaliação do relatório final.

A ficha de avaliação dos discente, analisa 10 quesitos (Apresentação pessoal, Assiduidade e Pontualidade, Iniciativa e Interesse, Postura e Comportamento ético, Responsabilidade e organização, Liderança e Criatividade, Trabalho em equipe, Interação com o paciente, Conhecimento teórico – prático e Respeito à autoridade do preceptor), numa escala de 0 (zero) a 5 (cinco) pontos.

A ficha de avaliação de Estudo de Caso, atribuirá notas expressas em escalas de 0 (zero) a 10 (dez), avaliando (Desenvolvimento do texto, Redação do Texto, Normatização), do estudo de caso.

O relatório final, deverá ser apresentado ao término de todas as práticas de estágio, realizadas na instituição Concedente, atribuído notas de 0 (zero) a 10 (dez).

5.6 Atividades complementares – AC

Reconhecendo que os conhecimentos, habilidades e competências podem ser adquiridas fora do contexto previsto na estrutura formal das disciplinas, estão previstas para integralização curricular a realização de atividades complementares para a formação do enfermeiro. Constituem-se atividades complementares a participação em extensão, pesquisa, monitoria, conferências, seminários, palestras, congressos, debates, bem como outras atividades acadêmico-científico-artístico- culturais. As atividades complementares deverão ser incrementadas durante todo o curso de graduação em enfermagem e as instituições de ensino superior deverão criar mecanismos de aproveitamento de conhecimentos adquiridos pelo estudante, através de estudos e práticas independentes presenciais e/ou à distância. A carga horária dessas atividades deve totalizar um mínimo de 180 (cento e oitenta horas) horas para efeito de integralização curricular, observando-se a legislação emanada pela Normas Gerais do Ensino de Graduação, Resolução 1045/2012- CEPE/UEMA

-OUTRAS ATIVIDADES CURRICULARES

PROGRAMAS E PROJETOS	OBJETIVOS
Monitoria	Preparar o discente para a atividade docente, mesmo nos cursos com grau de bacharelado, e promover melhoria na qualidade de ensino da graduação, articulando teoria e prática, na produção do conhecimento, sob a orientação de um docente responsável pela disciplina na qual o discente for monitor, além de oportunizar subsídios teóricos que auxiliem na consolidação de uma atividade docente coerente a realidade atual, a partir do momento que se fomenta as trocas de conhecimento entre os Professores orientadores, os monitores e os discentes atendidos a partir das discussões, sob as mais variadas a influência teóricas e práticas fortalecendo o processo ensino-aprendizagem
Pibex	Conceder bolsas de extensão a Discentes regularmente matriculados nos cursos de graduação da uema, contribuindo assim para a sua formação acadêmico-profissional., está vinculado ao PROEXAE

Projeto mais extensão	Desenvolver ações extensionista , nos 20 (vinte), municípios de menor índice de desenvolvimento Humano (IDH)
Extensão para todos	Possibilitar a qualificação profissional de estudantes regulares da UEMA, através da execução de projetos de extensão. Para participar do programa o orientador, tem que ser selecionado da UEMA
Bolsa trabalho	Os principais objetivos são: Incentivar a permanência dos discentes com vulnerabilidade econômica nas atividades acadêmicas de graduação; promover a inclusão social e a igualdade de condições
Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC, PIBITI e Iniciação Científica-Ações Afirmativas IC-AA)	<p>PIBIT: Estimular a participação dos estudantes do ensino superior no desenvolvimento e transferência das novas tecnologias e Inovações</p> <p>PIBIC: visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. A cota de bolsas de (IC) é concedida diretamente às instituições, estas são responsáveis pela seleção dos projetos dos pesquisadores orientadores interessados em participar do Programa.</p> <p>IC-AA: Incentivar a participação dos estudantes de graduação da UEMA em projetos de pesquisa, para que desenvolvam o pensamento e a prática científica sob a orientação de um pesquisador qualificado</p>

5.7 Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

Para a conclusão de Curso de Graduação na UEMA, será exigido um trabalho, de acordo com as Normas Gerais do Ensino de Graduação Resolução nº 10452012 – CONSUN – UEMA, TÍTULO II, CAPÍTULO VI..

O trabalho será da autoria do aluno e poderá constituir-se de:

- Proposta com base em Projeto de Pesquisa Científica
- Produção de Trabalho Monográfico

Terá um desenvolvimento sob a orientação pessoal e direta de um professor.

Ao aluno, caberá escolher dentre os docentes, o de maior afinidade entre o seu campo de atuação e o trabalho de conclusão do curso, para orientá-lo.

Poderão orientar trabalhos de conclusão de curso, professores não pertencentes ao quadro da UEMA, observada a afinidade entre a especialidade do orientador e o tema proposto, desde que o orientador faça parte do quadro de professores de IES e que esta tenha dado autorização e liberação, que seja aprovado pelo Colegiado do Curso. As despesas, advindas dessa orientação ficarão sob a responsabilidade do aluno.

O TCC obedecerá as normas gerais da UEMA que segue:

Art. 92 O trabalho de conclusão de curso deverá ser elaborado em duas fases, no mesmo período letivo ou em dois períodos letivos consecutivos, a critério do aluno.

§ 1º Na primeira fase, o aluno apresentará, na data designada pelo diretor do curso, um Projeto de Trabalho, devidamente assinado pelo professor orientador, que deverá ser homologado pelo colegiado do curso.

§ 2º Na segunda fase, o aluno desenvolverá o Projeto aprovado, que deverá ser entregue na data designada pelo diretor do curso.

§ 3º As 4(quatro) vias do trabalho de conclusão de curso serão entregues ao diretor de curso que as distribuirá aos professores que compõem a Banca Examinadora, com antecedência mínima de 10 (dez) dias da data de defesa designada pelo diretor do curso.

§ 4º A Banca Examinadora será composta por 3 (três) professores, sendo o professor orientador, que a presidirá, e 2 (dois) professores indicados pelos departamentos.

§ 5º Na falta ou impedimento do professor orientador, ou membro da banca deverá ser designada pela direção do curso nova data para defesa do trabalho, que não poderá exceder de 5 (cinco) dias úteis, bem como ser informada a falta do professor ao respectivo departamento, para fim de registro e encaminhamento da falta ao setor competente.

Art. 93 A defesa do trabalho consiste na exposição oral do conteúdo pelo aluno durante 30 (trinta) minutos, prorrogáveis por mais 20 (vinte) minutos e, no máximo, 10 (dez) minutos na resposta à arguição de cada componente da Banca Examinadora.

§ 1º Da defesa resulta uma nota numérica calculada pela média aritmética das notas de apresentação escrita e exposição oral atribuídas por cada membro da banca,

ocorrendo aprovação quando a média for igual ou superior a 7,0 (sete) ou reprovação do trabalho, em caso de nota inferior, registradas em ata a ser arquivada na direção do curso.

§ 2º A aprovação poderá ser final, quando não houver exigência de alterações e, quando houver, fica o aluno com prazo máximo de 5 (cinco) dias úteis para entregar 1(uma) via da versão definitiva à direção de curso, sob pena de invalidação de nota atribuída ao trabalho.

§ 3º Poderá também a aprovação ser condicionada à realização de mudanças de forma ou conteúdo, ficando o aluno com prazo máximo de 10 (dez) dias úteis para proceder à modificação e entregar 1(uma) via da versão definitiva à direção do curso.

§ 4º A versão modificada será encaminhada ao professor orientador ou professor designado pela Banca para proceder à revisão, a ser realizada no prazo máximo de 2 (dois) dias, sob pena de invalidação da nota atribuída ao trabalho.

A direção do curso indicará a Banca Examinadora para os trabalhos e o prazo de entrega destes. O aluno deverá obedecer ao prazo de entrega e defesa do trabalho de conclusão do curso bem como a indicação da referida Banca Examinadora. Quando não obedecidos os requisitos citados, o aluno perderá o direito de concluir o grau de Enfermeiro. A orientação e normalização do trabalho deverão obedecer as orientações do MANUAL DE ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIAS aprovado pelo colegiado de curso

6.GESTÃO DO CURSO

6.1 Gestores do curso

NOME	FUNÇÃO	TITULAÇÃO
Luciano Façanha Marques	Diretor de Centro	Graduado em agronomia, com titulação em doutor
Ana Maria Marques de Carvalho	Diretora de curso	Graduada em Enfermagem, com titulação de Mestrado em saúde coletiva

6.2 Colegiado de Curso

O Colegiado de Curso é órgão normativo, deliberativo, executivo e consultivo, que exerce as atribuições previstas neste Regulamento, subordinando-se ao Conselho Superior – CONSUN, sendo constituído :

I – pelo Coordenador do Curso, seu presidente;

II – por 05 (cinco) professores do corpo docente do curso, eleitos por seus pares;

III – por 01 (um) discente do curso, eleito por seus pares.

A indicação dos representantes dos Colegiados será feita através de eleição, por seus pares para um mandato de 02 (dois) anos, e os discentes com mandato de 01 (um) ano, com possibilidade de recondução.

São atribuições do Colegiado:

I – avaliar e atualizar, sempre que houver necessidade, o Projeto Pedagógico de Curso - PPC;

II – analisar e aprovar os planos de ensino das unidades curriculares dos cursos, propondo alterações quando necessárias;

III – estabelecer formas de acompanhamento e avaliação dos cursos, por meio de atos legais da educação superior, em articulação com a Comissão Própria de Avaliação (CPA), inclusive acompanhando e auxiliando-a na divulgação dos resultados;

IV – elaborar proposta do calendário acadêmico anual dos cursos, encaminhando-a para o Diretor da Unidade, que unificará as informações;

V – apreciar convênios, no âmbito acadêmico, referentes aos cursos, encaminhando-os para parecer ao Diretor da Unidade;

VI – decidir, em primeira instância, sempre que houver necessidade, questões apresentadas por docentes e discentes;

VII – analisar os casos de infração disciplinar e, quando necessário, encaminhá-los ao Diretor da Unidade;

VIII – propor e/ou avaliar as atividades extracurriculares necessárias para o bom funcionamento do curso, registrando-as em formulários próprios;

IX – apresentar ao CONSUN especificidades do curso referentes às Atividades Complementares, Extensão, Estágios Curriculares e Trabalhos de Conclusão de Curso, para ratificação;

X – avaliar, fixar normas e promover a integração dos componentes curriculares do curso, visando garantir-lhe a qualidade didático-pedagógica e a interdisciplinaridade;

XI – exercer a fiscalização e o controle do cumprimento de suas decisões;

XII – solucionar as dúvidas que porventura surgirem na aplicação deste Regulamento.

.....
 Compete ao Presidente do Colegiado:

- I – convocar e presidir as reuniões, com direito a voto de qualidade;
- II – representar o Colegiado junto aos demais órgãos da Unidade de Ensino;
- III – executar as deliberações do Colegiado;
- IV - designar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo Colegiado, quando for o caso;
- V – promover a integração com os Colegiados dos demais cursos

QUADRO DEMONSTRATIVO DO COLEGIADO DE CURSO – CURSO ENFERMAGEM CESBA		
NOME	CATEGORIA	PORTARIA
ANA MARIA MARQUES DE CARVALHO	PRESIDENTE	Nº 002/2018
RODSON GLAUBER RIBEIRO CHAVES	MEMBRO	Nº 002/2018
FRANCIDALMA SOARES SOUSA CARVALHO	MEMBRO	Nº 002/2018
IRACEMA SOUSA SANTOS MOURÃO	MEMBRO	Nº 002/2018
ANA CAREN DOS SANTOS PAZ	MEMBRO	Nº 002/2018

6.3 Núcleo Docente Estruturante

Conforme parecer nº 4, de 14 de junho de 2010 da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES. “ O Núcleo Docente Estruturante (NDE), de um curso de graduação, constitui-se de um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso.”

Por meio da Resolução nº 826 / 2012, o reitor da Universidade Estadual do Maranhão, na qualidade do presidente do conselho universitário – CONSUN, cria e regulamenta o NDE, no âmbito dos cursos de graduação desta Universidade.

O núcleo Docente Estruturante –NDE , é o órgão consultivo dos cursos da Universidade Estadual do Maranhão _UEMA, e funciona com base no Estatuto e Regimento Geral da UEMA. O NDE é formado por membros do corpo docente do curso, que exerçam liderança acadêmica , através de produção de conhecimento, dentro do contexto do curso de enfermagem.

O NDE do curso de enfermagem é composto pelo diretor de curso e por docentes com titulação de mestre, em tempo integral e parcial.

QUADRO DEMONSTRATIVO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE) – CURSO ENFERMAGEM BACHARELADO- BALSAS		
MEMBRO	CATEGORIA	PORTARIA
ANA MARIA MARQUES DE CARVALHO	PRESIDENTE	Nº 1/2018
RODSON GLAUBER RIBEIRO CHAVES	MEMBRO	Nº 1/2018
FRANCIDALMA SOARES SOUSA CARVALHO	MEMBRO	Nº 1/2018
IRACEMA SOUSA SANTOS MOURÃO	MEMBRO	Nº 1/2018

6.4 Corpo Técnico- Administrativo atual disponibilizados para o Curso

Conforme as normas da UEMA, o corpo técnico administrativo é constituído por todos os funcionários não docente, executando tarefas relacionados aos serviços administrativos e técnicos de apoio necessários ao funcionamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

A coordenadoria do Curso de Enfermagem Bacharelado do Centro de Estudos Superiores de Balsas, conta com uma equipe de apoio para execução das atividades técnico-administrativo, composta por 1 diretor de centro, 1 diretora de curso, 2 secretárias sendo 1 na secretária do centro e 1 no departamento de enfermagem, 04 serviços gerais (terceirizado), 04 vigilantes (terceirizado).

NOME	FUNÇÃO	TITULAÇÃO
------	--------	-----------

Luciano Façanha Marques	Diretor de Centro	Graduado em agronomia, com titulação em doutor
Ana Maria Marques de Carvalho	Diretora de curso	Graduada em Enfermagem, com titulação de Mestrado em saúde coletiva
Tatiane Sales da Silva	Secretária do curso de Enfermagem	Graduada em licenciatura de matemática
Pricila Silva Santos	Secretária do Centro-CESBA	Ensino médio

6.4.1 Eventual Necessidade de corpo técnico-administrativo

O curso de enfermagem dentro do contexto do corpo técnico-administrativo, percebe-se a necessidade de contratação de um técnico de laboratório, a fim de exercer as atividades de manutenção, organização do ambiente para as práticas realizadas pelos docentes e discentes.

7. INFRAESTRUTURA DO CURSO

7.1 Infraestrutura física existente para desenvolvimento das atividades pedagógicas

O Centro de Estudos Superiores de Balsas, funciona no prédio doado pelo professor Joca Rego, localizado no centro da cidade de Balsas, onde são ministrados cursos de graduação na área da saúde, educação, ciência do raciocínio lógico, ciências agrárias; bem como um mestrado profissional em agronomia, contamos também com cursos de graduação e pós graduação à distância, através da UEMANET.

- SALA DE AULA : O Centro conta com 8 (oito) salas de aula, onde são ministrados os cursos de graduação das diversas áreas e mestrado. O curso de Enfermagem Bacharelado, possui 3 (três) turmas no período diurno; o ambiente é climatizado, bem iluminado, com acesso a internet e datashow fixo em cada sala.
- SALA DE EVENTOS: O CESBA, na sua estrutura física, disponibiliza de uma sala de eventos para defesa de trabalhos científicos; reuniões de grupo de pesquisa, com ambiente climatizado, recursos audiovisuais e internet disponível.

- SALA DE DIREÇÃO DE CURSO: conta com ambiente climatizado, equipada com 2 (dois) computadores e acesso a internet, sistema interligado de comunicação, arquivos e armários para guarda de documentos e materiais.
- LABORATÓRIOS: Dispomos de laboratórios de ensino e habilidades para o curso de enfermagem, nas disciplinas específicas e profissionalizantes como: Anatomia, Bases Técnicas e Aplicadas em Enfermagem, Enfermagem nas Urgências e Emergências, perioperatório, Saúde da Mulher e do Recem Nascido (RN) Saúde do Idoso, resultando em um melhor aprendizado nas habilidades técnicas de enfermagem..

O laboratório de Ensino de Enfermagem, tem por finalidade oferecer suporte ao processo de ensino- aprendizagem às disciplinas do curso de enfermagem, bem como as atividades de pesquisa e extensão relacionados ao curso.

O laboratório de Habilidades , é um espaço dedicado ao desenvolvimento de habilidades e competências para o estudante de enfermagem, atua no suporte ao processo ensino-aprendizagem teórico- práticos ; contribui nas disciplinas obrigatórias e nas atividades extra- curriculares , com o objetivo de capacitar o estudante para a realização de procedimentos junto ao cliente.

Contamos também com um laboratório em informatica, coordenado pela UEMANET.

- BIBLIOTECA: Ambiente climatizado, informatizado, com um acervo ainda necessitando de maior ampliação
- AUDITÓRIO: Totalmente climatizado, com recursos audiovisuais disponível, capacidade para 150 pessoas
- OUTROS ESPAÇOS UTILIZADOS NO CAMPI: O prédio possui uma estrutura em fase de reforma para melhor atender a comunidade acadêmica, temos sanitários feminino e masculino, distribuido em vários espaços da Universidade.

7.2 Acervo Bibliografico

A biblioteca do Centro de Estudos Superiores de Balsas – CESBA , está sendo reestruturada, contemplando um espaço mais adequado, climatizado, com acesso a internet pelos usuários , instalações para estudos individuais e em grupos. O acervo, encontra-se organizado em estantes , divididas por assuntos específicos. Os empréstimos do acervo bibliográfico serão disponíveis para acesso online. Dispomos de 480 livros de conteúdos diversos. O curso de enfermagem também disponibiliza 125 trabalhos de conclusão de curso

(TCC), para os discentes de enfermagem , realizarem suas pesquisas dentro do espaço da universidade , com temas bastantes diversificados

7.2.1 Necessidade de aquisição de novos títulos para a biblioteca do curso

O curso de Enfermagem Bacharelado do CESBA, solicita aquisição de novos títulos, para ampliar o acervo bibliográfico para a biblioteca do curso, com o objetivo de fortalecer o conhecimento da comunidade acadêmica.

7.3 Corpo Docente atual do quadro da UEMA disponibilizado para o curso

O corpo docente do quadro permanente é regulamentado pela Lei Estadual nº 5.242 de 25/10/1991 e Estatuto dos Servidores civis do Estado do Maranhão.

Delinear o perfil do corpo docente merece uma profunda reflexão, além de ser um profissional atualizado, profissionais devem ser reflexivos e atuantes nos contextos onde estão inseridos. Para tratar o perfil destes docentes do Curso de Enfermagem do CESBA, pode-se dizer que devem dominar:

- a) Formação específica na área de conhecimento;
- b) Capacidades para atuar em equipe multiprofissional;
- c) Visão abrangente do profissional enfermeiro e flexibilidade para entender mudanças sociais
- d) Capacidades de tomar decisões

O corpo docente do Curso de Enfermagem do CESBA/UEMA deverá ser composto de professores, concursados, com regime de quarenta horas semanais (40), devendo ser reclassificados para categoria respectiva, aqueles que comprovarem a titulação mínima exigida, podendo ainda fazer opção pelo regime de tempo integral dedicação exclusiva.

QUADRO DEMONSTRATIVO DO CORPO DOCENTE DO CURSO DE ENFERMAGEM DO CESBA/UEMA

NOME DO DOCENTE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TITULAÇÃO	REGIME DE TRABALHO					CATEGORIA						
			20	40	DE	AUX	ASS	AD	TI	SUB				
01- Ana Maria Marques de Carvalho	Enfermeiro	Mestre		X			X							
02- Francinalma Soares Sousa Carvalho Filho	Enfermeiro	Mestre		X			X							
03- Karenly Kelly	Enfermeiro	Mestre	X										X	
04- Alaécio Pinheiro dos Reis	Químico	Mestre		X				X						
05- Rodson Glauber Ribeiro Chaves	Enfermeiro	Mestre		X			X							
06- Iracema Sousa Santos Mourão	Enfermeiro	Mestre		X				X						
07- Elaine Cristina Queiroz Menezes	Enfermeiro	Especialista	X											X
08- Leonardo Mendes Bezerra	Filósofo	Mestre		X				X						



REFERENCIAS

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Lei 7498/86**. dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. disponível em: www.portalcofen.br. acesso em: 10 maio. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Resolução COFEN nº 441/2013**. Dispõe sobre participação do enfermeiro na supervisão de atividades prática e estágio supervisionado de estudantes dos diferentes níveis da formação profissional de enfermagem. Disponível em <http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-4412013_19664.html>. Acesso em: 19/05/2017.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior .**Resolução CNE /CES 3/2001** . Brasília, 2001

COMISSÃO NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (CONAES).**Resolução nº 01-2010**. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante (NDE).Brasília, 2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem**.Balsas, Maranhão, 2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO.Normas Gerais do Ensino de Graduação. **Resolução nº 1045/2012** , CEPE /CONSUN. São Luis/Maranhão, prática2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO.Cria e regulamenta o Núcleo Docente Estruturante no âmbito dos cursos de graduação.**Resolução nº 826/2012** . CEPE /CONSUN. São Luis/Maranhão, 2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. **Plano de Desenvolvimento** .

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. **Guia de Estágio de Monitoria do Curso de Graduação**.Divisão de Estágio e Monitoria. São Luis/Maranhão, 2013

UEMA
FOLHA Nº 102
PROC Nº 71617
RUBRICA
DATA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. **Regimento da Comissão Própria de avaliação- CPA** . São Luis/Maranhão,

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Camara de Educação Superior. **Resolução CNE /CES 3/2001** . Brasilia, 2001